



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH**

**Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE**

**MESTRADO ACADÊMICO - 1º/2017**

**REYNALDO SOARES COELHO DOS SANTOS**

**OS DISCURSOS SOBRE AS DROGAS E SUAS IMPLICAÇÕES NAS FALAS DE  
ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA**

Rio de Janeiro  
2019

REYNALDO SOARES COELHO DOS SANTOS

OS DISCURSOS SOBRE AS DROGAS E SUAS IMPLICAÇÕES NAS FALAS DE  
ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro como requisito parcial para a obtenção  
do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lucia Helena Pralon

Rio de Janeiro  
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH**

**Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Reynaldo Soares Coelho dos Santos**

**OS DISCURSOS SOBRE AS DROGAS E SUAS IMPLICAÇÕES NAS FALAS DE  
ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA**

Banca examinadora  
Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Lucia Helena Pralon  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Maria Cristina do Amaral Moreira  
(Avaliadora externa)

---

Profa. Dra. Carmem Irene Oliveira  
(Avaliadora interna)

Coelho dos Santos, Reynaldo Soares.

Os discursos sobre as drogas e suas implicações nas falas de estudantes da escola pública/ Reynaldo Soares Coelho dos Santos – Rio de Janeiro: UNIRIO/ Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2019.

90 f. 31 cm

Orientadora: Lucia Helena Pralon

Dissertação (Mestrado) – UNIRIO/ Centro de Ciências Humanas e Sociais / Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

Referências Bibliográficas: f. 92

1. Escola. 2. Drogas. 3. Prevenção. I. Lucia Helena Pralon. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Alberto Augusto Coelho dos Santos e Iza Soares Coelho dos Santos *in memoriam*,

A minha mulher Vera Nordio, pelo amor e pela paciência,

Aos meus amigos e irmãos pela convivência,

Aos meus alunos do sistema de ensino e das clínicas psiquiátrica e de dependência química, sem eles essa pesquisa não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os meus professores da Unirio, em especial à minha orientadora, Professora Dra. Lucia Helena Pralon,

A todos os professores que fizeram parte da minha vida,

À Secretaria de Educação do Município de Saquarema,

A todos da Escola Municipal Padre Manuel de Saquarema.

## RESUMO

Em face da precocidade do uso de drogas e da falta de ações educativas eficazes, este trabalho visa contribuir com uma reflexão sobre os discursos sociais das drogas, referenciado na Análise do Discurso de linha francesa, contextualizando a posição do sujeito e suas condições sócio-históricas, levando em consideração os aspectos socioeconômicos e socioculturais. Para isso, por meio de dinâmicas lúdico-dialógicas, que visam à construção de material escrito, obtiveram-se os enunciados produzidos pelos alunos do ensino fundamental da rede municipal de educação da cidade de Saquarema. Os resultados revelaram que existe uma crise de referências na adolescência, período em que há uma carência de bússola, um traço negativo da amizade que empurra o jovem para a experiência com as drogas, uma desconstrução da ideologia familiar – muitas vezes a família é fonte de problemas e tóxica e nem sempre, assim como a escola, é a solução para tudo. Serão também considerados os aspectos de transgressão. Tais achados, somados ao levantamento bibliográfico, enriqueceram o conteúdo do tema em torno de um debate das drogas nas escolas, em uma perspectiva dialógica em detrimento das palestras informativas, e principalmente em relação aos discursos dominantes sobre as drogas que implicam as falas de estudantes da escola pública. Diante da falta de recursos educativos participativos e motivacionais para abordar esse tema nas escolas, este estudo pretende fornecer subsídios para o progresso de estratégias metodológicas sobre a discussão do uso de drogas no espaço democrático das escolas públicas.

### **Palavras-chave:**

Escola – Drogas – Prevenção.

## **ABSTRACT**

Due to the precocity of drug use and considering the lack of effective educational actions, this work aims to contribute to a reflection about the social speech related to drugs, referend in the review of the French Discourse Analysis, contextualizing the position of the subject and his social-historical conditions, as well as his socioeconomic and sociocultural aspects. Therefore, we encouraged, by ludic and dialogical dynamics, the students of a public elementary school of Saquarema city to produce written material about this theme. The results revealed that there is a reference crisis in the youth when usually there is a lack of compass, a negative aspect of friendship that pushes the teenager to the experience with drugs, and a deconstruction of the family ideology. The family is often toxic and the source of several problems and, just as school, cannot be the only solution for these issues. Moreover, we also consider the several aspects of transgression. Such findings, added to the bibliographic survey, enriched the content of the theme, bringing a discussion about drugs to school by a dialogical perspective instead of informative lectures, and offering enlightenments as we identify dominant discourses about drugs implied by the words of public school students. Facing the lack of any participative and motivational educative resources to deal with this theme in schools, this work aims to bring subsidies to the progress of methodological strategies to discuss the use of drugs in the democratic area of public schools.

### **Keywords:**

School – Drugs – Prevention.

*Quando eu era jovem  
Parecia que a vida era tão maravilhosa  
Um milagre, oh ela era bonita, mágica  
E todos os pássaros nas árvores  
Bem, eles cantavam tão alegremente  
Oh cheios de alegria, oh brincalhões me observando  
Mas então eles me mandaram embora  
Para me ensinar como ser sensível  
Lógico, oh responsável, prático  
E eles me mostraram um mundo  
Onde eu podia ser tão confiável  
Oh clínico, oh intelectual, cínico*

*Têm vezes, quando todo o mundo está adormecido  
As perguntas vão tão profundamente  
Para um homem tão simples  
Você não me diria, por favor, por favor, o que nós aprendemos?  
Eu sei que parece absurdo  
Mas por favor me diga quem sou eu*

*Agora cuidado com o que diz  
Ou eles te chamarão de radical  
Um liberal, oh fanático, criminoso  
Oh você não vai assinar o seu nome?  
Nós gostaríamos de sentir que você é  
Aceitável, respeitável, oh apresentável, um vegetal*

*À noite, quando todo o mundo dorme  
As perguntas vão tão profundamente  
Para um homem tão simples  
Você não me diria, por favor, por favor, o que nós aprendemos?  
Eu sei que parece absurdo  
Mas por favor me diga quem sou eu, quem sou eu, quem sou eu, quem sou eu*

*(A canção lógica, Supertramp)*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
2.1 Drogas na escola .....	17
2.2 Análise de Discurso francesa e análise dos discursos das drogas.....	25
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
3.1 Descrição da escola.....	41
3.2 Universo da pesquisa .....	43
3.3 Coleta de dados .....	44
3.4 Resultados.....	54
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Como foi a minha trajetória até chegar à questão desta pesquisa? Meu percurso como educador se inicia no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Gama Filho, onde tive contato com o campo da Psicomotricidade, o que me motivou a fazer uma Pós-Graduação Lato Sensu. Atuei em todos os níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, em instituições privadas e públicas. A minha experiência na educação física e na psicomotricidade me permitiu atuar na área de saúde, em clínicas psiquiátricas e em centros de dependência química. Trabalhei na RED CLINICAS – PSQUIATRIA, como professor de educação física. Atuei também como psicomotricista no DQ Centro – Centro de Dependência Química, coordenando a oficina do corpo e lecionando palestra sobre alteração da imagem do corpo no uso de drogas. Fui convidado pela EMAPSI – Setor de Psiquiatria do Hospital Venerável Ordem 3º de São Francisco da Penitência para montar um programa de dependência química. Nomeei o programa que coordenava de ADICTOS, pois não basta desintoxicar o organismo, é necessário oferecer palestras, oficinas e terapias nas quais o dependente possa falar da sua relação com a droga, ou seja, há ditos.

No campo teórico, desenvolvi um pensamento sobre o mal-estar do sujeito e o encontro com a droga, tendo apresentado meu trabalho em Congresso do Corte Freudiano (Escola Brasileira de Psicanálise), no Hospital Pinel. Logo, acreditando na educação física como um elo entre a educação e a saúde, passei a pensar no tema “o sujeito e o encontro com as drogas” de forma continuada, e a falta de debate nas escolas constatado nestes muitos anos de experiência no magistério me motivaram a pensar em realizar esta pesquisa que considero relevante, uma vez que os adolescentes no encontro com a droga, muitas vezes a utilizam como um passaporte para suas experiências, inclusive no campo da sexualidade. Com todas as mudanças do corpo, alteração da autoimagem e suas questões passando pela demanda do outro: o que meus pais esperam de mim? O que o mundo espera de mim? É importante ressaltar essa marca do encontro do sujeito adolescente com a droga e o encontro com o sexo.

Observa-se que o homem contemporâneo tem lançado mão de substâncias psicoativas. No entanto, esse artifício não é novo, ao longo dos tempos as drogas vêm sendo utilizadas para a medicina, para rituais religiosos e para a busca do prazer, dentre outros usos. A droga pode ser aceita em certos grupos culturais, como, por exemplo, no xamanismo,

dentro de um determinado sistema simbólico, e em outras sociedades ela não é permitida. Os xamãs, no sentido de ampliar sua visão sua percepção, sua sensorialidade, lançam mão das plantas mestras para atingirem outros níveis vibracionais. As plantas mestras utilizadas em rituais xamânicos não buscam uma fuga da realidade, mas sim uma experiência de alteração de consciência. A polêmica em torno da questão das drogas em nossa sociedade nos remete a um vasto campo de pesquisa interdisciplinar, extremamente relevante aos quais podemos citar a medicina, a educação, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a filosofia que tratam questões referentes ao organismo, às práticas educativas, à posição subjetiva, aos aspectos socioculturais referentes às drogas e às toxicomanias. Essa diversidade de campos produziu vários discursos referentes à questão da relação do sujeito com as drogas.

Hoje o crescimento do uso e do tráfico de drogas tem preocupado a sociedade como um todo, demandando uma ampliação de formas de entender este fenômeno e seu poderoso sistema financeiro para serem estabelecidas políticas públicas de prevenção. A droga é vista como mercadoria, numa visão marxista, já que que tudo é mercadoria no capitalismo; um sistema governado por ela. Um estudo realizado por Noto e Balduróz apontará que:

Segundo o *Drug Enforcement Administration*, (grifo dos autores) o Brasil é atualmente a principal rota de tráfico de cocaína na América Latina, situação que acarreta problemas sociais consideráveis para o nosso país, como a disseminação da Aids e a violência. (NOTO & BALDURÓZ, 1999, p. 147)

Contudo, é importante pensar que a droga não está associada somente à violência e ao lucro econômico, mas também ao uso medicinal. A escola não seria o único lugar, pois existem outros espaços relevantes – como, por exemplo, o rock –, mas o ambiente escolar seria um espaço significativo e democrático, no sentido de permitir a convivência de diferentes ideologias, para se discutir este tema, a partir da investigação dos discursos sobre as drogas e como isso se apresentaria na fala dos estudantes das escolas públicas.

Assim, consideramos importante pontuarmos uma diferenciação entre o indivíduo usuário de droga e o dependente. A toxicomania sublinha uma necessidade compulsiva de consumo de drogas. O consumo ocasional de substância tóxicas não é um indicativo de que o sujeito é dependente. A perda do controle no uso de drogas é o que vai caracterizar a dependência, ou seja, uma necessidade imperativa de consumir. A compulsão é, portanto, o determinante que sinaliza a droga como tendo um significado específico para o sujeito. O dependente de droga desafia os limites da vida, expondo-se a situações de risco que muitas

vezes podem levá-lo à morte. Este gozo localiza-se para além do prazer, não está relacionado com uma certa harmonização da satisfação, mas, pelo contrário, com uma exacerbação da satisfação, algo que transborda e vaza.

Do movimento *beat*, *Beat-les*, passando pelo movimento *hippie*, *Woodstock/paz* e amor, psicodelismo, onde se acreditava que as drogas abririam as portas do inconsciente para os processos criativos, tendo assim influenciado vários movimentos culturais nas artes, no cinema e na música. Atualmente, a cultura tecnológica revolucionária é fruto dessa época e acabou transformando o mundo. Podemos nos referenciar na biografia de Steve Jobs, fundador da empresa Apple, *dropout*, abandonando a universidade para viajar pelo mundo, seguir o budismo, meditar, ter experiências psicodélicas com *lsd* (*Lucy in the Sky with Diamonds*). Não só Steve Jobs, mas outros nomes importantes desta revolução tecnológica tiveram experiência com ácido lisérgico.

Entendemos que as estruturas sociais e culturais interferem e dão significado a esta relação dos sujeitos com as drogas em diferentes épocas. Do movimento *beat* aos dias atuais, percebemos que o significante “droga” circula com representações diferenciadas. Assim, um debate contextualizado nas escolas seria de fundamental importância para os jovens.

Uma questão que tem causado preocupação diz respeito à precocidade no encontro com as drogas. Levantamento nacional, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), denunciou que na faixa etária de 10 a 12 anos de idade já se observou o uso de drogas entre estudantes de todo o Brasil, sendo a Região Sudeste a que apresentou maior porcentagem entre os adolescentes<sup>1</sup> entrevistados (CARLINI et al, 2010).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na segunda edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), aponta que a experimentação de drogas ilícitas entre adolescentes de 13 a 15 anos que frequentam o 9º ano do ensino fundamental apresentou um aumento em relação ao observado em pesquisa anterior, realizada em 2009. Nesta última edição, outro dado importante a ser considerado diz respeito à proporção de estudantes de escolas públicas que fizeram uso de drogas ilícitas em relação à proporção de estudantes da rede privada. Em 2009, o estudo indica um número maior para estudantes de escolas públicas, o que se repete na pesquisa de 2012 (IBGE, 2012).

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo adolescente será considerado conforme o disposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que estabelece os limites cronológicos entre 10 e 19 anos (adolescentes). “Este critério é usado principalmente para fins estatísticos e políticos” (EISENSTEIN, 2005).

A terceira edição da PeNSE, realizada em convênio celebrado entre o IBGE e o Ministério da Saúde, com apoio do Ministério da Educação, coletou dados entre abril e setembro de 2015 e reafirmou a constatação das edições anteriores ao identificar que os alunos de escolas públicas (9,3%) mencionaram a experimentação de drogas ilícitas com mais frequência do que aqueles de escolas privadas (6,8%) (IBGE, 2015).

Porém, apesar da evidente realidade, programas contínuos de prevenção ainda são precários ou inexistentes entre os adolescentes das escolas públicas do Rio de Janeiro. Estudos realizados por Malheiros & Alves (2008) e Adade & Monteiro (2014) indicam que esta carência de programas preventivos contínuos tem relação com lacunas apresentadas na formação de professores, apesar do disposto na atual legislação sobre drogas (Lei 11.343/2006), em seu capítulo I, Art. 19, inciso X, que prevê a necessária formação continuada de professores no campo da prevenção ao uso indevido de drogas.

Além disso, o Decreto 5.912/2006 que regulamenta a Lei 11.343/2006 e institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), em seu Art. 14, inciso II, item “a”, prevê para o Ministério da Educação – enquanto órgão que compõe o SISNAD – “a competência específica de propor e implementar, em articulação com o Ministério da Saúde [...] políticas de formação continuada para os profissionais da educação [...] que abordem a prevenção ao uso indevido de drogas” (Decreto 5.912/2006).

Convém ressaltar que a Convenção sobre o Direito das Crianças delega aos estados partes a adoção de “medidas apropriadas, inclusive legislativas, administrativas, sociais e educacionais, para proteger a criança contra o uso ilícito de drogas e substâncias psicotrópicas descritas nos tratados internacionais pertinentes [...]” (Convenção sobre o Direito das Crianças, Decreto 99.710/1990, Artigo 33). Além disso, o Estatuto da Juventude trata do assunto em seu capítulo V, no espaço do direito à saúde, trazendo o seguinte:

IV - garantia da inclusão de temas relativos a consumo de álcool, tabaco e outras drogas, à saúde sexual e reprodutiva, com enfoque de gênero e dos direitos sexuais e reprodutivos nos projetos pedagógicos dos diversos níveis de ensino;

VI - capacitação dos profissionais de saúde, em uma perspectiva multiprofissional, para lidar com temas relativos à saúde sexual e reprodutiva dos jovens, inclusive com deficiência, e ao abuso de álcool, tabaco e outras drogas pelos jovens;

VII - habilitação dos professores e profissionais de saúde e de assistência social para a identificação dos problemas relacionados ao uso abusivo e à dependência de álcool, tabaco e outras drogas e o devido encaminhamento aos serviços assistenciais e de saúde; VIII - valorização das parcerias com instituições da sociedade civil na abordagem das questões de prevenção,

tratamento e reinserção social dos usuários e dependentes de álcool, tabaco e outras drogas;

X - veiculação de campanhas educativas relativas ao álcool, ao tabaco e a outras drogas como causadores de dependência; e

XI - articulação das instâncias de saúde e justiça na prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas, inclusive esteróides anabolizantes e, especialmente, crack. (ESTATUTO DA JUVENTUDE, LEI 12.852/2013, Capítulo V).

Em virtude dos fatos mencionados, é necessário pensarmos na possibilidade de fazermos uma passagem do discurso da informação sobre drogas, para uma proposta de aprendizagem lúdico-dialógica que aborde esse tema, considerando o sujeito e seu contexto sociocultural. No seu livro *Obra Aberta* (1971), Umberto Eco vai abordar a questão da informação, considerando que a mensagem tem uma forma ambígua. E ainda numa perspectiva dialética entre a vanguarda e a cultura de massa, ele vai citar o discurso aberto e o discurso persuasivo – considerando o discurso aberto um discurso ambíguo, diferentemente do discurso persuasivo. Diz ele: “[...] o discurso persuasivo tende a nos fazer chorar, a estimular nossas lágrimas, como pode acontecer com uma fotonovela” (UMBERTO ECO, 1971, p. 148). Esse discurso persuasivo consola mais do que propõe algo de novo. Ele não rompe com a obviedade. A tendência é fazer com que o sujeito concorde com aquele que fala. Podemos assim pensar que as palestras informativas que tratam a questão da droga, como por exemplo o PROERD (Programa de Resistência às Drogas, da polícia militar), solicitadas pelas escolas públicas, teriam uma forma persuasiva. Entendemos que os discursos dominantes sobre as drogas apresentam esta característica de receber a informação de forma passiva, ficando de fora a posição do sujeito.

#### Questão principal:

- Investigar os tipos de discursos presentes nos escritos de estudantes do ensino fundamental com relação ao tema drogas.

#### Objetivo geral:

- Identificar nos escritos dos estudantes do ensino fundamental os discursos sociais dominantes sobre as drogas.

#### Objetivos específicos:

- Verificar se os estudantes reproduzem os discursos sobre as drogas ou se trazem algo de novo.
- Categorizar os discursos sobre drogas a partir dos relatos escritos pelos estudantes.

### Revisão bibliográfica

Para responder à pergunta sobre qual conhecimento científico foi produzido no Brasil nos últimos dez anos sobre o tema prevenção de drogas em escolas, realizamos buscas na plataforma Scielo, utilizando as palavras chaves “drogas”, “escola” e “prevenção”, separadas pelo operador booleano “and”. Na busca inicial, encontramos 101 artigos. No entanto, foi necessário definir critérios de elegibilidade, pois a busca apresentou artigos de várias áreas e anos diversos. Assim, foram incluídos artigos escritos em língua portuguesa que enfatizavam a prevenção de drogas nas escolas e produzidos nos últimos dez anos a contar de 2018, ano da pesquisa. A partir disso, a amostra final ficou constituída por 10 artigos conforme representados no Quadro, tópico I dos Anexos.

Com relação aos textos desse levantamento bibliográfico, observa-se que os estudos têm considerado a escola um espaço significativo para discutir o tema drogas e também tem se preocupado com a formação dos professores. Além disso, as dinâmicas que valorizam o diálogo têm resultados mais significativos do que os informativos. Percebe-se que os fatores psicológicos e a sexualidade se entrecruzam na experiência com as drogas. E, ainda, valorizam a importância do suporte familiar.

No próximo capítulo abordaremos a literatura que trata da questão das drogas nas escolas, referenciando-nos na análise de discurso francesa, de onde partiremos, construída pelo filósofo francês Michel Pêcheux. Assim sendo, pretendemos organizar a construção desse referencial, utilizando os autores nos quais Pêcheux se apoiou como, por exemplo, Althusser, Foucault e Lacan. No entanto, abordaremos também o pensamento do médico e filósofo francês Georges Canguilhem, no que se refere ao normal e ao patológico e a ideologia científica.



## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Drogas na escola

O Plano Nacional de Educação (LEI 13.005, 2014) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) trazem a importância do debate sobre as drogas dentro das escolas, considerando também que é um tema que faz parte do cotidiano escolar. Na prática, tenho visto a incapacidade de a escola lidar com o problema, adotando interferências de caráter repressivo, como, por exemplo, solicitação de ronda policial – e o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), da polícia militar, é uma instituição ligada à segurança pública, de função social ostensiva e sem formação pedagógica. A literatura nos mostra que:

No que diz respeito especificamente à área da educação, o Ministério da Educação tem a responsabilidade de estabelecer campanhas e atividades de prevenção ao uso de drogas psicotrópicas dentro de um sistema formal de educação. No entanto, embora seja crescente o interesse nessa área, na prática ainda pouco se tem avançado. (NOTO & GALDURÓZ, 1999, p. 147)

Na década de 70, houve uma preocupação mundial em relação aos problemas que surgiram com o uso indevido de drogas. Moreira, Silveira e Andreoli (2006) *apud* Müller, Paul e Santos (2008) destacam:

A partir da década de 70 do século passado, quando surgiu a estratégia de diminuir o uso indevido de drogas, a Organização Mundial de Saúde para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) passou a enfatizar a abordagem preventiva ao abuso de drogas, tendo a escola como espaço principal para este processo, pois parte significativa da população passa por esta instituição. Neste caso, a Unesco enfatizou a abordagem preventiva como educação para a saúde. (MOREIRA, SILVEIRA E ANDREOLI, 2006 *apud* MÜLLER, PAUL E SANTOS, 2008, p. 610)

Os estudos de Adade & Monteiro (2014) apontam a escassez de recursos educativos participativos como elementos que legitimam a falta de ações educativas sobre drogas entre os estudantes. Por outro lado, ainda, Malheiros & Alves (2008) delatam a predominância de um reducionismo no tratamento pedagógico da prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas, privilegiando as disciplinas de Ciências e Biologia e a abordagem com foco na descrição das drogas e seus efeitos danosos para o organismo: “Esta abordagem trata as

drogas como um fenômeno isolado, sem refletir sobre os contextos e os determinantes sociais, políticos, econômicos, históricos, culturais, [...] e éticos envolvidos” (p. 11). Assim, seria relevante se pensar em um programa de prevenção de drogas nas escolas públicas que reflita o problema considerando o contexto social, cultural e histórico do estudante.

O livro “Droga nas Escolas” (Abramovay, 2005), publicado pelo escritório da Unesco no Brasil, teve grande repercussão. O estudo envolveu crianças e adolescentes, do ensino fundamental e médio, de quatorze capitais brasileiras. Neste material identifiquei temas que visam a privilegiar alunos, pais e o corpo pedagógico da escola. É importante, assim, que a escola tenha um projeto pedagógico comprometido com o sujeito. Como proposta educativa, destacamos o diálogo e o lúdico como elementos fundamentais na aprendizagem sobre drogas.

O jogo educativo desenvolvido por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, conhecido como o “jogo da onda<sup>2</sup>”, aborda temas referentes ao uso de drogas “por meio da divulgação de conceitos e mensagens, bem como de perguntas e respostas referidas a situações do cotidiano que estão vinculadas, direta ou indiretamente, ao consumo de drogas” (MONTEIRO et al, 2003, p. 661). É importante informar que este jogo, desenvolvido pelas pesquisadoras do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde da Fiocruz no ano de 1998, foi “adotado por programas de educação em saúde da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo [...]”. (ADADE; MONTEIRO, 2014, p. 219). As autoras, apesar de falarem da pedagogia para autonomia mencionando o diálogo, focalizam a educação sobre drogas dentro de uma proposta orientada para redução de danos (RD). Convém ressaltar o projeto de construção do jogo da onda virtual em andamento pelos mesmos pesquisadores da FIOCRUZ. Todavia, o jogo da onda virtual manterá as principais características do material impresso em relação ao estímulo e a interação, troca de opiniões e a aprendizagem colaborativa.

---

<sup>2</sup> O jogo contém: 1 tabuleiro; 1 dado; 4 pinos; 1 encarte com as regras do jogo; 1 manual para educadores, pais e participantes com textos, dicas e sugestões bibliográficas; 4 baralhos caracterizados pelas cores laranja, vermelho, verde e azul. O baralho laranja descreve o conceito e os efeitos de drogas lícitas e ilícitas; o baralho vermelho contém perguntas e respostas sobre aspectos jurídicos, conceito e classificação das drogas e as consequências do seu uso abusivo; nos baralhos verdes e azuis são apresentadas situações do cotidiano associadas ao consumo de drogas, como relacionamento familiar, políticas educativas, conflitos pessoais, pressão social do grupo, entre outros (ADADE; MONTEIRO, 2014).

Outro aspecto interesssante a ser comentado diz respeito aos livros didáticos de Ciências e Biologia e a forma de se abordar o assunto. Beatriz Carlini–Cotrim e Fúlvia Rosemberg (1991, p. 303) constataram que o teor dos escritos

[...] são regidos por dois eixos complementares: adotam a pedagogia do amedrontamento e se organizam em torno do conceito implícito de dependência (e não de uso) de drogas. [...] Ao invés de se transmitirem precisões conceituais, dados sobre incidência, análise das causas e orientações para prevenção e tratamento, ocorre uma hipertrofia do efeito do uso de drogas, mais especialmente de sua dependência. O tema predominante nas ilustrações é a morte: caveiras, esqueletos (parciais ou completos) e túmulos. Mesmo quando a morte está ausente, o clima da ilustração é sombrio e desolador. Homens com barba por fazer, correntes que os atrelam, labirintos e fundos escuros conferem, juntamente com a morte, o clima de degradação social e moral que se quer associar ao uso de drogas.

Os estudos sobre drogas na escola têm esbarrado na questão da formação dos professores, para tratar o tema drogas de forma pedagógica, mesmo sendo previsto pela lei 11.343/2006 em seu capítulo I, artigo 19, inciso X, que prevê a necessária formação continuada de professores no campo de prevenção ao uso indevido de drogas (BRASIL, 2006).

Segundo Cleide Almeida (2000, p. 12), a abordagem do assunto sobre drogas nas escolas tem ocorrido de forma “vacilante, cheia de lacunas, mal orientada ou é, por vezes, silenciada”. Segundo Amadeu Cruz (2002) *apud* Malheiros e Alves (2008, p. 11734), programas de prevenção ao uso indevido de drogas, adotam o “terrorismo farmacológico” como estratégia educacional, ou seja, ao tratar do assunto drogas exageram em seus efeitos e fatos são distorcidos.

Assim, podemos pensar que o reducionismo biológico, ou seja, os efeitos maléficis das drogas ao organismo, não favorece a aprendizagem sobre o uso indevido de drogas, inclusive descartando a subjetividade. Seria importante um espaço dentro da escola onde o jovem pudesse, de maneira crítica e autônoma, opinar sobre o tema drogas. Na adolescência, quando geralmente ocorre o encontro com a droga, consideramos ser importante admitir as mudanças do corpo, a sexualidade e as expectativas diante da demanda do outro. Diante dessas questões, enfatizo como relevante a relação professor e aluno, considerando o conflito de gerações. Manheim *apud* Weller (2010) nos leva à compreensão de que não é como uma geração interpreta o mundo, mas como as gerações se relacionam e interpretam o mundo.

Gilberta Acselrad, citando o conceito de Paulo Freire sobre educação bancária, afirma:

O risco do uso de drogas aumenta na proporção direta da *educação bancária* de acumulação de informações sem reflexão, segundo a qual cabe ao educador ensinar e ao aluno, escutar e repetir. Porque, dessa forma, não há produção de conhecimento, mas sim reprodução do que está dado, o sujeito não é chamado a conhecer, apenas a memorizar mecanicamente, recebe de outro algo pronto. (ACSELRAD, 2013, p. 101, grifo da autora)

Acreditamos na importância da escola, enquanto espaço democrático, valorizando a produção de um conhecimento sobre o tema drogas, escutando os alunos, para não se correr o risco de ficar continuamente reproduzindo os discursos da proibição e do medo. Como proposta, poderíamos pensar no funcionamento de um espaço lúdico-dialógico. O discurso da proibição de alguma forma alimenta certa transgressão, não muito difícil para os adolescentes, seduzidos por novas experiências que muitas vezes coloca suas vidas em risco. Assim, a proposta de um espaço de debate, onde o jovem possa se afirmar – e esta é a palavra – seria de fundamental importância para a discussão do tema nas escolas. E isso implica um diálogo, um espaço dentro da escola que possibilite um diálogo com conflitos, saber o professor se esquivar dentro de um jogo de posições, administrar isso com um grupo de adolescentes, ensinando a aprender a se virar com a permissão e a interdição.

Sustentamos uma contraposição ao discurso da informação sobre as drogas, apoiados em uma prática escolar que valorize o diálogo e o lúdico. Por volta do ano de 387 a.C., Platão fundou a escola de Filosofia *Akadémeia*. O diálogo seria a possibilidade de o sujeito explorar ao máximo, levar até as últimas consequências discussões sobre temas da humanidade: o saber, as artes, a política, a ética, o amor, a razão, a justiça, a saúde, a memória, a educação etc. O homem seria a medida de todas as coisas. O diálogo abrindo horizontes e possibilitando ao homem sair de um espaço fechado. No diálogo platônico, as perguntas são submetidas a uma dialética, um movimento de falar totalmente diferente do questionário. Podemos pensar que do ponto de vista platônico o diálogo seria um movimento de explorar os discursos, ao invés de darmos lugar as palavras de ordem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de “Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998). Paulo Freire (2010, p. 91), sobre

o diálogo, diz: “[...] a conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro”. O seu pensamento passa pela premissa de que o diálogo se respalda na ação-reflexão.

Quando tratamos da questão das drogas é importante tomarmos cuidado para que esse diálogo não se torne uma confissão, uma imposição ao falar, pois os discursos sobre as drogas assinalam para uma tendência de caráter proibitivo, o que coloca o sujeito adolescente em uma posição de temor/transgressão; ao mesmo tempo em que se tenta coibir, desperta um desejo. No livro *História da Sexualidade I*, o filósofo Michel Foucault vai tratar a questão da confissão nos estudos sobre sexualidade. A confissão como matriz do discurso. Segundo Foucault: “[...] a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1985, p. 62).

Não podemos, assim, pensar o diálogo como um interrogatório, no sentido de fazer o outro falar; ou seja, funcionar como um sistema de controle, onde quem manda é quem pergunta. Convém ressaltar que os temas “drogas e sexualidade” se aproximam no sentido de que são polemizados e pouco debatidos no espaço escolar, muitas vezes com orientações tendenciosas e preconceituosas. Uma alternativa seria o diálogo no ambiente escolar, criar possibilidades para circular as diferentes modalidades de saberes e de falas sobre as drogas nos debates com os estudantes.

Na Grécia antiga, havia uma preocupação em se pensar o jogo como parte da cultura. O que seria o diálogo platônico senão uma forma lúdica de se pensar temas da humanidade, perguntas submetidas a uma dialética, uma espécie de jogo de posições que inclui uma certa habilidade nas esquivas, como os dribles de Garrincha.

A cultura brasileira traz na sua essência, positivamente, uma forma lúdica de ser. Com uma riqueza folclórica regionalizada expressa pelos diferentes ritmos, danças, jogos populares e parlendas. E ainda, na literatura, o pó de pirlimpimpim, de Monteiro Lobato, que de forma lúdica e mágica, permitia a brincalhona Emília a se transportar para diferentes lugares. Um exemplo de manifestação cultural lúdica seria o carnaval.

Bakhtin defendeu sua tese de doutorado: “A cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de François Rabelais”. Nela, ele vai tratar a questão da carnavalização. Segundo Bakhtin:

[...] o que se abolia, principalmente durante o carnaval, era a hierarquia. Leis, proibições e restrições, padrões determinantes do sistema e da ordem cotidiana, isto é, extracarnavalesca, são suspensas durante o carnaval: “revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas

de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdades (inclusive a etária) entre os homens.” (BAKHTIN, 1981, p. 105 *apud* SOERENSEN, 2011, p. 320)

Podemos pensar também que, na concepção de Huizinga, do lúdico como fenômeno cultural, o carnaval seria uma forma lúdica de se manifestar, muito característica da nossa sociedade e que revoga a ordem cotidiana dentro de um espaço simbólico.

Do ponto de vista etimológico, *ludus* quer dizer jogo. Segundo Huizinga,

Constratando fortemente com a heterogeneidade e a instabilidade das designações da função lúdica em grego, o latim cobre todo o terreno do jogo com uma única palavra: *ludus*, de *ludere*, de onde deriva diretamente *lusus*. Convém salientar que *jocus*, *jocari*, no sentido especial de fazer humor, de dizer piadas, não significa exatamente jogo em latim clássico. Embora *ludere* possa ser usado para designar os saltos dos peixes, o esvoaçar dos pássaros e o borbulhar das águas, sua etimologia não parece residir na esfera do movimento rápido e sim na da não-seriedade, e particularmente na da “ilusão” e da “simulação”. (2014, p. 41)

O prazer das atividades lúdicas permite o conhecimento de si próprio, dos outros, possibilita a vivência da autoestima e liberdade de ação. O lúdico visa à satisfação pessoal, ao prazer, à sensação de soltura e leveza, permitindo: aliviar a tensão interior, aumento da autoconfiança, a expansão do eu e a sublimação das tendências pulsionais. É relevante aqui fazer um contraponto em relação às práticas desportivas, não gestos esportivos, mas os realizados de forma descontraída. Segundo Huizinga (2014), o lúdico provoca uma sensação de liberdade, já que o sujeito se abstrai das suas obrigações e da sua realidade temporariamente.

A evolução do sentido da palavra lúdico não ficou apenas nas suas origens. Em vários campos do saber, inclusive na educação, o jogo foi utilizado como recurso metodológico na aprendizagem. Alguns pensadores defenderam o lúdico como essencial para educação, como, por exemplo, Piaget, Wallon e Wigotsky, e em relação à psicogênese apresentam a importância dos jogos para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. No entanto, tomaremos como referência três estudiosos clássicos da teoria dos jogos: Johan Huizinga, Roger Caillois e Jean Chateau.

Huizinga, filósofo e reitor da Universidade de Leyden, Holanda, vai tratar o lúdico nos campos da linguagem, do direito, do conhecimento, da poesia, da filosofia e da arte – o jogo como fenômeno cultural. Segundo ele, todas as manifestações importantes da cultura

basearam-se no lúdico. Para Caillois (2017, p. 23), “[...] cabe a Huizinga a honra de ter analisado magistralmente várias características fundamentais do jogo e de ter demonstrado a importância de seu papel no próprio desenvolvimento da civilização”. Diz Caillois (2017), fundador do Collège de Sociologie junto com Georges Bataille e Michel Leiris, que os jogos desempenham papel destacado na formação social.

Jean Chateau (1987), filósofo e professor da Universidade de Bordeaux, vai valorizar o jogo como instrumento pedagógico importante na aprendizagem e no desenvolvimento dos aspectos: psicomotor, afetivo e social.

A conjunção do lúdico com o dialógico poderá se reportar à pedagogia da autonomia. Paulo Freire (2017) considera professor e aluno como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o conceito de aprendizagem dialógica se torna importante nesse estudo. Segundo ele, o diálogo permite a consideração e compreensão dos saberes construídos pelos alunos em suas comunidades, inclusive podemos pensar nos jogos populares, como por exemplo, bola de gude, amarelinha, pique bandeira, peão etc. O diálogo permite: conhecer o aluno, a valorização da história do aluno, quais as experiências que já passou ou até mesmo com as drogas. Numa perspectiva freiriana, as experiências dos alunos mais o processo formal de ir à escola se complementam, o aluno deixa de ter uma visão ingênua da realidade e parte para uma visão mais elaborada e crítica, na condição de sujeito. Diz Charbonneau:

Na escola eles vivem sua adolescência em tudo o que a adolescência tem de mais crítico. Procura de identidade, contestação sistemática, exigência de liberdade sem que eles tenham assimilado a relação de liberdade/responsabilidade, despertar sexual turbulento, descoberta do amor, alegrias e dramas da amizade às vezes prometida, às vezes traída, exacerbação do sentido crítico que acompanha o acesso à ciência e ao crescimento intelectual (1988, p. 52).

Dessa forma, poderíamos ter como proposta sair do discurso da informação e do medo para uma aprendizagem dialógica, utilizando como recurso metodológico o jogo, em detrimento a uma imposição a ouvir. Segundo Jean Chateau:

[...] será preciso que ele procure encontrar por si mesmo novos caminhos fora das regras tradicionais. Esse será o esforço do adolescente. O adolescente, protestando não raro de maneira brutal contra a tradição, vai procurar escolher os seus modelos, modelos que lhes são próprios [...] (CHATEAU, 1987, p. 43)

Nesta perspectiva, é importante pensarmos a discussão sobre as drogas nas escolas públicas, em um espaço lúdico-dialógico, diante protestos dos adolescentes, muitas vezes agressivos e se opondo ao discurso do mestre, representado pela autoridade: os pais, o professor, o inspetor, o coordenador, o diretor. Uma divergência em relação à ideologia familiar e à ideologia escolar. Um espaço de experimentação da afirmação mediado por um diálogo conflitante aonde a escola deverá saber lidar com isso. É interessante pensarmos que um espaço de afirmação sugere um espaço de invenção, e o adolescente é simpático às atividades criativas. Assim, Aratangy (1998) *apud* Müller, Paul e Santos (2008, p. 611)

[...] sugere que o caminho para a prevenção do consumo de drogas passa pela exploração das questões emocionais dos adolescentes, e isso se dá por meio da abertura de canais de comunicação e participação, com atividades alternativas e não avaliativas pela escola, tais como as artísticas e esportivas. Considera-se que, muito mais importante do que alardear sobre proibições, ou seja, utilizar o discurso *Não às Drogas*, é importante criar espaços em que os jovens possam vivenciar experiências significativas e compartilhá-las em grupo. Além disso, mostra-se imprescindível a organização de atividades que envolvam o jovem na comunidade, assim como abrir espaços de orientações aos pais, para que estes não se sintam tão despreparados para lidar com os desafios da adolescência.

A filosofia socrática, através da maiêutica, ensina que através do diálogo se pode fazer o sujeito descobrir conhecimentos que ele já possuía sem que o soubesse. O lúdico como estratégia metodológica associado a uma aprendizagem dialógica permitiria ao aluno, de forma descontraída, falar sobre as drogas? O lúdico de alguma forma minaria as falas dominantes? Orlandi diz:

[...]uma sociedade como a nossa, pela constituição, pela sua organização e funcionamento, pensando-se o conjunto de suas práticas em sua materialidade, tende a produzir a dominância do discurso autoritário, sendo o lúdico o que vaza, por assim dizer, nos intervalos, derivas, margens das práticas sociais e institucionais. (Orlandi, 2007, p. 87)

O lúdico como uma modalidade discursiva que vaza, ou seja, escapole, se esquia pelos lados em busca de outros espaços. É interessante trazermos também a comédia de Aristófanes. Porque o riso seria a função do cômico, aquilo que interrompe a lógica do discurso dominante e mostra uma saída para o sujeito. Algo que vaza e sai pelos cantos, pelas laterais. Na verdade, põe em questão o discurso do mestre, porque ridiculariza o poder. Podemos pensar em *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, um livro que fala da questão do riso, o que pela igreja medieval não era aceito, pois somente os tolos riem. Um discurso

pautado na ideia de que quem ri não teme a Deus. E ainda há o riso na perspectiva de Henri Bergson, que vai tratar do assunto no seu livro *Riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Para ele, o riso tem uma função social, somos uma espécie que ri.

## 2.2 Análise de Discurso francesa e análise dos discursos das drogas

A linguística foi uma referência relevante na construção do pensamento do século XX, tendo iluminado vários campos do saber, que lançaram mão de alguns conceitos, como, por exemplo: significante, significado, sistema semiológico etc. O livro do linguista suíço Ferdinand Saussure, *Curso de Linguística Geral*, teve grande expressão no processo de construção do pensamento estruturalista, da segunda metade do século XX. É indiscutível que o estruturalismo carrega a herança do pensamento de Saussure e, ao mesmo tempo, torna significativa a obra do professor de Linguística da Universidade de Genebra.

Saussure pensava a organização da língua como sistema, os estruturalistas usavam o termo estrutura social, ou seja, a estrutura seria a ideia de uma combinatória de elementos. Saussure considera a linguagem dividida em: fala e língua. A língua seria um sistema de signos institucionalmente constituído. Ele vai dividir o signo linguístico em significado (conceito) e significante (imagem acústica). E considera o signo linguístico arbitrário. Convém ressaltar que o psiquiatra e psicanalista francês, Jacques Lacan, irá inverter a fórmula saussuriana da seguinte maneira:



Assim, dá mais autonomia para o significante, formando uma rede, enquanto o significado passa a não ser mais fixo, por exemplo: casa, habitação, lar. O lar poderia ser de idosos, de dependentes químicos etc.

O estruturalismo tem como referência central o antropólogo belga-francês Claude Lévi-Strauss, com duas obras relevantes: *As Estruturas Elementares de Parentesco* e *O Pensamento Selvagem*. Lévi-Strauss nos ensina que não é possível a hierarquização das raças, pois todas elas possuem a mesma condição mental, ou seja, processos complexos de representações. Entendemos assim que não se poderá estabelecer uma espécie de

superioridade cultural. No entanto, é importante destacar outros autores deste período do estruturalismo e que farão parte do campo teórico desta pesquisa: Michel Pêcheux, Louis Althusser, Jacques Lacan, Georges Canguilhem e Michel Foucault.

O filósofo francês, Michel Pêcheux, considerado o fundador da análise de discurso francesa, e que teve como interlocutora no Brasil a professora da Unicamp Eni Pulcinelli Orlandi, vai construir esse campo de conhecimento a partir dos conceitos de ‘ideologia’ de Althusser, do ‘materialismo histórico’ de Marx e o conceito de ‘sujeito’ de Lacan. No entanto, Charaudeau e Maingueneau (2018) falam da dificuldade de se concluir, do ponto de vista histórico, o momento exato do nascimento da análise de discurso, ressaltando que os intelectuais franceses da década de 60-70 contribuíram para o surgimento do que passou a ser chamado de análise de discurso francesa. Além de se referenciar nessa base estrutural, a presente pesquisa pretende introduzir de forma original, no campo dos discursos sobre as drogas os conceitos de ‘ideologia científica’ de Canguilhem, ‘sobredeterminação’ de Althusser e os quatro discursos de Lacan, porém dando ênfase ao discurso do mestre. E, ainda, fazendo um contraponto com o pensamento foucaultiano de formações discursivas.

Numa perspectiva epistemológica, entendemos que a ideologia é o cimento da análise de discurso articulando-se ao conceito de formação discursiva foucaultiana. Convém salientar que Pêcheux trouxe o conceito de formação discursiva foucaultiana para o campo da análise de discurso; porém, percebeu a necessidade de reformular este conceito referenciado na ideia de formação social de Althusser, ou seja, as formações sociais advêm de uma combinação de vários modos de produção, tendo uma como dominante, e as ideologias podem ser explicadas dentro de uma formação social a partir da luta de classes. Segundo Courtine:

De fato, Foucault foi pouco ouvido pela AD; embora seja do discurso que fale, ele o faz de outro modo. Será, entretanto, da *Arqueologia* que Michel Pêcheux extrairá o termo FD do qual a AD se reapropriará, submetendo alguns elementos conceituais a um trabalho específico. (COURTINE, 2014, p. 69-70)

E, apesar de o pensamento de Foucault ter uma proposta diferente do conceito de ideologia de Althusser, estes são base para a construção dos conceitos fundamentais da análise de discurso francesa. A análise de discurso rompe com a razão do cartesianismo, solidificando-se a partir da linguística, do marxismo e da psicanálise, com o seu conceito de ‘inconsciente’. Numa perspectiva althusseriana, o marxismo e a psicanálise freudiana se

identificam por uma outra racionalidade: nos conflitos de classe e na manifestação do inconsciente.

É importante elucidarmos alguns conceitos fundamentais da análise de discurso francesa que consideramos essenciais para compor o referencial teórico desta pesquisa. Primeiramente, o conceito de ideologia será fundamental na construção do campo da análise de discurso francesa. Acreditamos, como já foi citado, ser o cimento que dá consistência a esse campo do saber. Convém ressaltar que Michel Pêcheux, aluno de Althusser, coloca como um dos pilares na fundação da análise de discurso a teoria althusseriana de ideologia.

A primeira formulação do termo ideologia surge no século XVIII, com o filósofo francês Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), que escreveu o projeto dos elementos da ideologia. O projeto tinha como objetivo formular uma gênese das ideias. Segundo Canguilhem (1977, p. 33), “O projecto desta ciência era o de tratar as ideias como fenómenos naturais que exprimiam a relação entre o homem, organismo vivo e sensível, e o seu meio natural de vida. Positivistas antecipados, os ideólogos eram pois liberais, antiteólogos, antimetafísicos”. O filósofo alemão Karl Marx se apropria do conceito de ideologia e a define como algo ilusório e relacionado às lutas de classes, considerando as condições reais de existência do indivíduo. Canguilhem, dialogando com Marx, diz:

Em resumo, parece-nos que Marx atribuiu à ideologia uma função de compensação. As ideologias burguesas são reacções que indicam sintomaticamente a existência de situações sociais conflituosas, isto é, lutas de classes, e que simultaneamente tendem a negar teoricamente o problema concreto cuja existência provoca o seu aparecimento. (CANGUILHEM, 1977, p. 34)

A análise de discurso vai procurar analisar o caráter ideológico do discurso. Assim, consideramos relevante apresentar o conceito de ideologia formulado por Althusser (1985) no ensaio *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Os aparelhos ideológicos do Estado surgem da necessidade de distinguir o poder de Estado do aparelho de Estado. Numa perspectiva althusseriana, o homem é um animal ideológico. Para Marx, a estrutura social, constituída por níveis ou instâncias, seria dividida em: infraestrutura, ligada às forças produtivas e às relações sociais de produção; e superestrutura, que seriam as instâncias jurídico-política e ideológicas. O Estado seria uma máquina opressiva que atinge todas as classes dominadas, como os operários, os camponeses, a pequena burguesia. Para Althusser, os aparelhos ideológicos do Estado funcionam pela ideologia. No entanto, secundariamente, pode o Estado agir pela ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado agirem pela repressão.

Na Idade Média, a igreja controlava vários aparelhos ideológicos do Estado, inclusive o escolar e a arte religiosa. Na contemporaneidade, no entanto, podemos verificar uma certa individualização e destacar não só o aparelho ideológico religioso, mas também o escolar, o familiar, o jurídico, o político, o sindical, o religioso, o médico, o cultural e o midiático. É significativo considerar a possibilidade de um discurso migrar para outro; por exemplo, o que do discurso médico se transfere para o discurso escolar etc. Althusser diz que a ideologia é prevalente, o quer dizer que não há um aparelho do Estado puramente ideológico. Assim, podemos dizer que a ideologia dominante é o que sustenta o aparelho ideológico do Estado. Althusser se apoia na teoria do imaginário de Lacan – o estádio do espelho como formador da função do eu – e vai definir a ideologia como uma representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência. É essa relação que está no centro de toda representação ideológica; o que a orienta não é um mundo real, mas uma certa representação imaginária falseada do mundo real onde vivem esses indivíduos. A ideologia seria assim, para Althusser (1985), uma ilusão que faz alusão à realidade. Apesar de admitir que ela não se refere à realidade, admite que é uma realidade que precisa ser interpretada em relação à sua representação imaginária.

Além disso, a ideologia teria uma existência material, que Marx vai elaborar a partir do materialismo histórico; uma abordagem com ênfase na sua base material histórica e econômica na sociedade, ou seja, a sobrevivência humana não seria da ordem puramente biológica, mas estaria relacionada ao trabalho, à produção, às relações de produção e às condições reais de existência do indivíduo. O materialismo histórico teria como objeto os modos de produção que teriam surgido na história. Cabe-nos frisar que a história não é fixa, pode ser transformada pelas ações humanas. Acreditamos que a luta ideológica é uma variação das lutas de classe. As ideologias existem em conflito, é um estado social. Pêcheux (2014) argumenta que a luta entre o materialismo e idealismo é uma luta sem fim.

Na sua última proposição, Althusser (1985) vai dizer que a ideologia interpela os indivíduos concretos em sujeitos. Para Courtine:

É sob a modalidade do que se conhece – na perspectiva das teses althusserianas sobre a instância ideológica – como o assujeitamento (ou interpelação) do sujeito como sujeito ideológico que a instância ideológica contribui para a reprodução das relações sociais, [...] (COURTINE, 2014, p.71)

É importante essa posição althusseriana, pois a consideramos o mecanismo da ideologia, ou seja, a ideologia é o que faz o sujeito agir e se inserir em um contexto social. Como diz Courtine (2014, p. 71), “Trata-se de realidades complexas que colocam em jogo práticas associadas a relações de lugares (determinadas pelas relações de classes)”. Podemos a partir disso pensarmos a ideologia como uma construção imaginária, algo que tem a função de enganar e interpelar o indivíduo em sujeito. Segundo Althusser (1985), a prática existe sob uma ideologia e esta subsistiria através do sujeito e para sujeitos.

Apesar de Michel Pêcheux construir a análise de discurso a partir da linguística, do conceito de ideologia, do materialismo histórico e do sujeito do inconsciente, ele não se furta das formações discursivas foucaultianas. Então é importante fazer um contraponto com essa formulação de Foucault que, na *Arqueologia do Saber*, irá propor um pensamento alternativo ao conceito de ideologia, colocando o saber, a vontade de saber, como conceito alternativo perante a ideologia. No entanto, é importante frisar que Pêcheux, ao perceber que a ideia de formações discursivas produziu uma sombra no conceito de ideologia, reformulou essa ideia a partir da posição althusseriana de formações sociais, uma vez que Althusser

[...] propunha que toda “formação social”, caracterizável por uma certa relação entre as classes sociais, implica a existência de “*posições* políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em *formações* que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação”. (ALTHUSSER *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2018, p. 241, grifos do autor)

Como já comentado, podemos pensar a ideologia como uma construção imaginária, algo que tem a função de enganar e interperlar os indivíduos como sujeitos, apontando para uma ideia de formação ideológica. E ainda, em uma formação social, as ideologias poderão ser explicadas a partir das lutas de classes.

Em a *História da Sexualidade I*, Foucault sugere que o saber propõe uma alternativa ao conceito de ideologia, considerando que a ideologia seria uma forma de dominação das relações sociais. A tríade do poder – saber – prazer é o que vai servir de alicerce para o discurso da sexualidade. Segundo essa mesma obra, o discurso, as formações discursivas, na verdade, não têm o objetivo de reprimir o sexo, mas de produzir saber. O dispositivo, ao invés de reprimir, visaria a um controle através do discurso. Formações discursivas estas produzidas por determinadas instituições, como, por exemplo, a igreja, a família, escola, o discurso médico e jurídico. Os dispositivos de poder, então, teriam importância na formação discursiva, a partir do momento que têm a função de fazer funcionar o discurso. Entendemos

que Foucault não trata o discurso como alguma coisa velada ou negativa, sugerindo assim, de forma positiva, uma perspectiva diferente do campo da ideologia.

Podemos, assim, concluir que o conceito de formação discursiva que serve de base para a formação do campo da análise de discurso em Pêcheux tem a sua primeira formulação na obra *Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault. A noção de formação discursiva é reformulada por Pêcheux, referenciada na ideia de Althusser de formação social. Além disso, a formação social tem uma referência precisa, ela é datada; por exemplo: prevenção de drogas em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro na década de 80. Na formação discursiva também existe este elemento preciso e datado, algo concreto de um elemento da sociedade. Assim, o discurso é um conjunto de enunciados e de possibilidades do que se fazer com esses enunciados historicamente determinados. Então, a formação discursiva em Foucault e Pêcheux se diferenciam na medida em que para Pêcheux a formação discursiva estaria baseada na ideologia e no materialismo histórico. A partir daí ele vai considerar as formações ideológicas como combinatórias do que pode e o que deve ser dito, ou seja, as formações discursivas seriam interligadas. Nas formações discursivas de Pêcheux, opera-se o assujeitamento, a interpelação do sujeito como sujeito ideológico. E, em Foucault, a produção de um saber construído a partir de estruturas discursivas.

Na sua última proposição, o conceito de formação discursiva aparece para Pêcheux como inseparável do interdiscurso, a coerência dos enunciados provêm de uma formação discursiva. Diz Pêcheux (1983, p. 297 *apud* CHARADEAU & MAINGUENEAU, 2018, p. 241):

Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente “invadida” por elementos provenientes de outros lugares (i.e., de outras formações discursivas) que vela, se repetem, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob forma de “pré-construídos” e de discursos transversos).

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Pêcheux (2014) orienta que o laço entre a ideologia, o inconsciente e o discurso é feito pelo interdiscurso. Segundo Courtine (2014), o interdiscurso seria um eixo vertical onde teríamos dizeres já ditos e esquecidos e no eixo horizontal o intradiscurso, aquilo que dizemos em um dado momento. Por sua vez, é importante considerar a memória discursiva em relação ao interdiscurso. Dizem Charadeau e Maingueneau (2018, p. 325):

Uma formação\* discursiva é tomada em uma *dupla memória* (Maingueneau 1984: 131). Ela se atribui uma **memória externa**, colocando-se na filiação de formações discursivas anteriores. Com o tempo, cria-se também uma **memória interna** (com os enunciados produzidos anteriormente no interior da mesma formação discursiva). O discurso apoia-se, então, numa Tradição, mas cria, pouco a pouco, sua própria Tradição. Aqui, a memória não é psicológica; ela é inseparável do modo de existência de cada formação discursiva, que tem uma maneira própria de gerir essa memória. (Grifos dos autores.)

Pêcheux relacionou o interdiscurso com a formação discursiva a partir da expressão em francês “*ça parle*”, quer dizer, isso fala, sempre antes em outro lugar e independente, isto é, sob a dominação das formações ideológicas. Em última análise, isso fala inconscientemente. Apoiando-se em uma posição althusseriana, a ideologia é o efeito inconsciente sobre o discurso do outro.

No Brasil, a análise de discurso francesa teve como interlocutora Eni Orlandi, professora de linguística da Unicamp. Segundo Orlandi (2007, p. 32), “o fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer é fundamental para compreender o funcionamento do discurso, a sua reação com os sujeitos e com a ideologia”. Além disso, o interdiscurso é algo fundamental nas formações discursivas e aponta para o que já foi dito e que causa efeito no que está sendo dito. Podemos assim considerar que o discurso do sujeito é materializado pelas condições históricas e sociais. O dizer do sujeito é efeito da ideologia produzida a qual está assujeitado.

Ao organizarmos um pensamento em relação ao conceito de ideologia no campo da análise de discurso francesa, consideramos relevante dialogar com o conceito de ideologia científica, já que nos ajuda a refletir sobre o uso indevido de drogas. A ideologia científica foi formulada pelo médico, filósofo francês e um dos principais epistemólogos da historiografia científica contemporânea, Georges Canguilhem. Ele foi orientador da tese de doutorado de Michel Foucault, a *História da Loucura*. No que diz respeito ao uso indevido de drogas, os conceitos de normalidade e de ideologia científica nos remetem à dependência química. O que é o normal? Como diz Canguilhem,

Normal é o termo pelo qual o século XIX iria designer o protótipo escolar e o estado de saúde orgânica. A reforma da medicina como teoria se baseia, por sua vez, na reforma da medicina como prática: está intimamente ligada, na França, assim como também na Áustria, à reforma hospitalar. Tanto a reforma hospitalar, como a reforma pedagógica exprimem uma exigência de racionalização que se manifesta também na política, como se manifesta na economia, sob a influência de um maquinismo industrial nascente que

levará, enfim, ao que se chamou, desde então, normalização. (CANGUILHEM, 1995, p. 209-210)

Entendemos, assim, o normal como uma média. A escola normal, por exemplo, irá estabelecer certos tipos de critérios. Podemos citar os grupos homogêneos por idade, por disciplinas, por uma mesma base curricular, por uma divisão do ensino, que fazem do conhecimento uma construção hierarquizada. A própria avaliação final é uma média aritmética. A nota é uma normalização do conhecimento, os números representariam o conhecimento de certos saberes. Podemos ainda considerar que nas aulas de educação física existiria a normalização dos movimentos, dos gestos, levando a um controle corporal e a uma estética corporal. A escolar militar, por exemplo, foi criada por causa da complexidade do fuzil, para manuseá-lo era preciso ter um controle de gestos específicos. No que se refere à dependência química, o discurso médico visa a uma normalização do organismo, através, por exemplo, da desintoxicação, desconsiderando, assim, aspectos da subjetividade na relação do sujeito com as drogas. Dando continuidade à obra de Canguilhem *O normal e o patológico*, nos perguntamos ainda: o que seria a patologia? A patologia é a possibilidade de um organismo adoecer. Para Canguilhem (1995), há a ideia de que a sociedade é um organismo, ou seja, passível de formação de um sintoma social:

O homem, mesmo sob o aspecto físico, não se limita a seu organismo. O homem, tendo prolongado seus órgãos por meio de instrumentos, considera seu corpo apenas como um meio de todos os meios de ação possíveis. É, portanto, além do corpo que é preciso olhar, para julgar o que é normal ou patológico para esse mesmo corpo. Com uma enfermidade como o astigmatismo ou a miopia, um indivíduo seria normal numa sociedade agrícola ou pastoral, mas seria anormal na marinha ou na aviação. (CANGUILHEM, 1995, p. 162)

Podemos pensar que a dependência química é um fenômeno sintomático construído socialmente, algo que rompe com o funcionamento normal do organismo. Assim, poderíamos, em um primeiro momento, definir a ideologia científica como uma normalização que estaria ligada a uma ideologia biológica. Diz Canguilhem (1995, p. 228):

A regulação social tende, portanto, para a regulação orgânica e a imita, mas nem por isso deixa de ser composta mecanicamente. Para poder identificar a composição social com o organismo social, no sentido próprio deste termo, seria preciso poder falar nas necessidades e normas de uma sociedade como se fala nas necessidades e normas de vida de um organismo, isto é, sem sombra de ambiguidade.

A dependência química é uma ideologia científica. Canguilhem nos ensina, em *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida*, que “No campo em que uma ciência virá a instituir-se, existe sempre, antes da ciência, uma ideologia científica. Existe sempre uma ciência antes de uma ideologia, num campo lateral que essa ideologia visa obliquamente” (1977, p. 41).

Em relação à dependência química e ao corpo, podemos pensar que a droga altera o funcionamento normal do organismo e também a imagem do corpo, ou seja, a pessoa poderá ter experiências alucinatórias e também a de se sentir mais desinibida diante de alguma situação. Conforme afirma o autor:

A saúde é uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais. Daí a sedução que a imagem do atleta exerce ainda hoje sobre nossas mentes, sedução esta da qual o gosto atual por um esporte racionalizado nos parece uma aflitiva caricatura. (CANGUILHEM, 1995, p. 163)

A ideologia científica se aplica aos seres vivos e à convivência social. A ideia do normal se aplica ao corpo humano e gera ideologias. Podemos pensar no corpo ideal, alto, saudável em contraste, por exemplo, com o anão que antigamente era considerado uma monstruosidade.

Canguilhem (1995) explica que existe uma tendência a se confundir juventude com saúde. Convém pensarmos na ideologia da saúde que promete mais do que pode, pois carrega um componente imaginário. Essa ideologia tenta passar a ideia de que quem pratica esporte e tem uma alimentação saudável não usará drogas. Esse discurso da saúde, tem uma essência normalizadora que estaria também presente na prevenção de drogas, através das práticas esportivas. É interessante nos remetermos à época em que a ideologia do cigarro carregava um componente imaginário, onde fumar era charmoso. Na verdade, esse charme estava associado a uma ilusão, pois o cigarro afeta a saúde. Inclusive as propagandas publicitárias, no automobilismo e em outras práticas esportivas, ligavam a imagem do atleta ao cigarro. No entanto, podemos considerar que houve uma desconstrução desse discurso do cigarro no Brasil, através de campanhas de prevenção, proibição do uso da imagem de esportistas com o cigarro etc. Apesar de considerarmos que o esporte tem a vocação para normalizar, a ideologia da saúde não pode garantir que quem pratica atividades físicas e esportivas não usará drogas.

Além do conceito de ideologia e de formações discursivas como fundamentais para a construção do campo da análise de discurso francesa, é importante formularmos o conceito de sujeito a partir de Pêcheux. O conceito de sujeito de Pêcheux passa por um percurso de assujeitamento e clivagem, o que para a psicanálise é o sujeito dividido. Diz Pêcheux:

Se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com um S maiúsculo – sujeito absoluto e universal –, é precisamente o que J. Lacan designa como o Outro (Autre, com A maiúsculo), e, de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan, “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o *recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar *como o processo do Significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção. (PÊCHEUX, 2014, p. 124, grifos do autor)

Numa primeira formulação, o sujeito é assujeitado à maquinaria discursiva. Quer dizer, existe um mecanismo próprio de funcionamento ligado à ideologia. O sujeito é assujeitado ao domínio do outro. É nas formações discursivas que se opera o assujeitamento, a interpelação do sujeito como ideológico. Na sua última proposição, Pêcheux verifica a importância de se aproximar do conceito de sujeito do inconsciente, formulado por Lacan. Diz Lacan (1990) que o inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento da fala, em consequência do que o inconsciente é estruturado pela linguagem. Assim, o sujeito é dividido na relação com o significante. O sujeito do inconsciente se apresenta a partir da cadeia de significantes. O inconsciente é sujeito enquanto tal, estruturado como uma linguagem. Então diferencia-se da posição cartesiana “penso, logo existo”, o sujeito do inconsciente advém do tropeço no discurso, ou seja, a partir das formações do inconsciente: lapsos, atos falhos, sonhos, chistes e sintomas. Na construção do seu pensamento, Foucault não usa conceito de sujeito dividido, e sim de estruturas discursivas que determinam as ações possíveis definidas pelo discurso. Foucault não nega a psicanálise, mas tampouco se alinha com ela; o sujeito na verdade estaria subordinado à ordem discursiva. Ele vai falar, então, das modalidades de saberes.

Quanto à ideia que consideramos original da articulação do conceito de sobredeterminação com análise de discurso sobre as drogas, entendemos que seja a possibilidade de desconstrução do discurso estigmatizado da drogadicção. O que é sobredeterminação? É o conceito que Althusser, em sua obra *A favor de Marx*, vai formular. Ele vai se inspirar em Freud, que cria o conceito de sobredeterminação em *A interpretação dos sonhos* (1987 [1900]). O que é sobredeterminação para Freud? Os sonhos, os sintomas

enquanto formação do inconsciente seriam sobredeterminados, ou seja, seriam frutos de uma pluralidade de causas. Althusser (1979) define a sobredeterminação como sendo uma multiplicidade de determinantes. A sobredeterminação, na verdade, envolve uma combinação de metáforas e metonímias, lembrando ainda que a posição freudiana considera como mecanismos dos sonhos a condensação e o deslocamento, ou seja, imagens sobrepostas e deslocadas. Para continuarmos em um aprofundamento do entendimento desse conceito, gostaríamos de citar uma metáfora que Althusser traz, que seria o “elo mais débil” (ALTHUSSER, 1979, p. 80). O que seria o elo mais débil? Entendemos como uma estrutura que traz em si um ponto frágil. Essa ideia se aplica a um objeto, a uma sociedade, a um país e também à linguagem. Ele dá, como exemplo, a Revolução Russa. Ela é um exemplo de efeito de sobredeterminação, cujo resultado foi a mudança de uma formação social que combinava vários modos de produções, ou seja, pequenas propriedades, sistema capitalista e feudal, para o comunismo. Entendemos, assim, que a sobredeterminação é uma desconstrução que acontece a partir de uma multiplicidade de determinantes. Podemos considerar como determinantes dessa ruptura em 1917, entre outros: os conflitos de classes, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), por deslocamento, mas principalmente pela contradição, pois entre os países industrializados e capitalistas havia uma desigualdade – por exemplo, Inglaterra, França e Alemanha; a Rússia apesar de ser mais empobrecida, era a que possuía as maiores fábricas (*Putilov*) e com uma maior concentração de operários. A sobredeterminação tem esse aspecto de contradição de determinantes completamente inesperados que favorecem um desequilíbrio, uma ruptura. É o que leva o rompimento do elo mais débil. Segundo Pêcheux:

Sabemos que toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das *formações discursivas* que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas. Essas formações discursivas mantêm entre si relações de determinação dissimétricas (pelos “efeitos de pré-construído” e “efeitos-transversos” ou “de articulação” expostos mais acima), de modo que elas são o lugar de um *trabalho de reconfiguração* que constitui, segundo caso, um trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição ou um trabalho politicamente e ou cientificamente produtivo. (PÊCHEUX, 2014, p. 197, grifos do autor)

Então, pensar a drogadição como sintoma social sob a luz do conceito de sobredeterminação é pensar na sua multiplicidade de determinantes. Entendemos que a sobredeterminação abre uma possibilidade de desconstrução dos discursos sociais sobre as

drogas que carregam em si a marca do estigma, viabilizando uma nova formação discursiva sobre as drogas na sociedade atual.

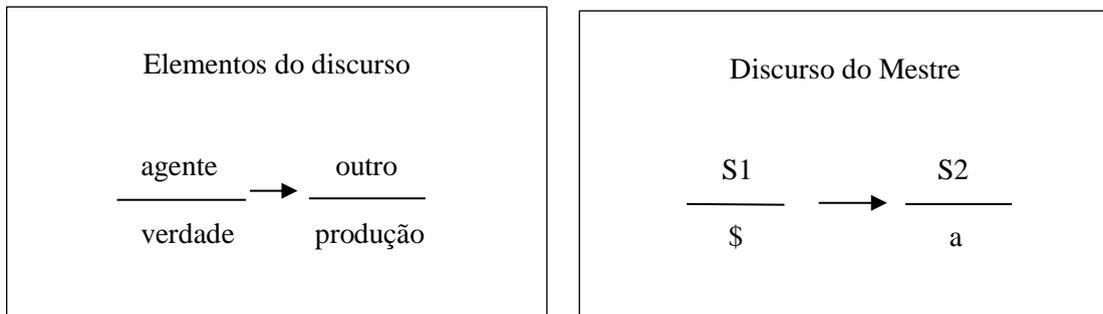
Na organização da análise de discurso francesa, ficou evidente que Pêcheux dialogou com a psicanálise. Aproveitando o ensejo, gostaríamos de trazer uma semente nova que poderá nos ajudar nesse campo dos discursos, ou seja, a construção dos quatro discursos em Lacan, apresentado no seminário *O avesso da psicanálise* (1992). Lacan proferiu este seminário na Universidade Panthéon-Sorbonne, onde discute as formas dos laços sociais a partir de quatro discursos: do mestre, do universitário, da histérica e do analista. Os discursos para Lacan são laços sociais, ou seja, apresentam uma prática regulada com funções e lugares fixos, e seriam estruturados pela linguagem. Na escola, por exemplo, temos o ensino, a transmissão do saber, o professor, o aluno, a coordenação e a direção. Inclusive, o autor considera que a possibilidade do diálogo existe quando situado a nível do discurso. É na estrutura significante que o discurso funciona, ou seja, a cadeia significante produziria o discurso. O sujeito para a psicanálise, como já foi visto, é o que vai representar um significante para outro significante. O sujeito inconsciente emerge dessa relação com o significante. Ele advém das formações inconscientes, dos tropeços nos discursos, através dos lapsos, dos atos falhos, dos chistes, dos sintomas e dos sonhos. O sujeito é efeito da cadeia significante. Em uma primeira análise sobre as drogas, eu formulei o texto, o mal-estar do sujeito, e o encontro com a droga em torno do texto freudiano, *O mal-estar na civilização* (1969). Nessa perspectiva, a impossibilidade de lidar com a falta levaria o sujeito a lançar mão das drogas. A droga como um objeto que preencheria essa falta. E o momento do encontro com as drogas muitas vezes coincide com o período da adolescência. Nesse encontro, alguns indivíduos não experimentam, alguns experimentam e param, outros se mantêm como usuários, e outros ainda criam uma dependência, usando-as de forma imperativa e compulsiva. Segundo Lacan (1992, p. 31), “Desde que o ser humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza”. Os discursos humanos são laços sociais caracterizados por essa relação com o impossível, talvez uma tentativa de dar conta desse impossível.

Lacan (1992) diz que os discursos só dão conta de uma parte da verdade, e não de sua totalidade. Assim, teríamos a verdade como uma estrutura de ficção. Dos seus quatro discursos, destacamos o discurso do mestre. O discurso do mestre, que é o do poder da autoridade, traz como função a nossa condição de sujeito da linguagem, imerso em um universo simbólico e social; em outras palavras, pelo assujeitamento à ordem social, à

estrutura da linguagem, colocando o sujeito sob as amarras do discurso do mestre, discurso este reconhecido por querer dominar e se fazer hegemônico na esfera social. Como diz Lacan,

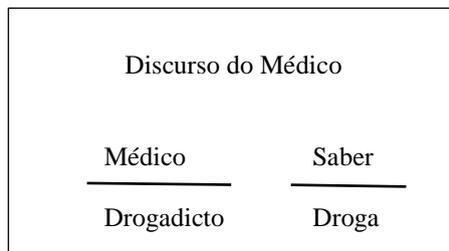
É singular ver que uma doutrina tal como a de Marx, que instaurou sua articulação sobre a função da luta, da luta de classes, não impediu que dela nascesse aquilo que agora é justamente o problema que se apresenta a todos, a saber, a manutenção de um discurso do senhor. (LACAN, 1992, p, 29)

O discurso do senhor é, para Lacan, o discurso do mestre. Os discursos de Lacan foram produzidos a partir de matemas, procurando articular as estruturas dos discursos universitário, histórico, do analista e do mestre. O discurso do mestre seria reproduzido a partir do seguinte matema:



(LACAN, 1992, p. 51)

Em relação a esse matema lacaniano sobre o discurso do mestre, é importante explicitarmos seus elementos. O S1 é o significante mestre. O S2, o saber. O pequeno a, é o objeto ou causa de desejo. O \$, o sujeito barrado, é o lugar do sujeito. Assim sendo, formulei em relação ao discurso médico o seguinte matema:



A presente pesquisa considera relevante destacar a existência de alguns discursos sociais que consideramos prevalentes em relação à problemática do uso indevido das drogas,

como por exemplo: o jurídico, o da segurança pública, o da mídia, o médico, o biológico, o da saúde, o religioso, o dos narcóticos anônimos, o recreativo e da liberalização. No entanto, a literatura sobre drogas não apresenta um pensamento de todos esses discursos de forma unificada, e sim fragmentada e referenciada em alguns desses discursos. É interessante, então, aproximarmos das instituições enquanto aparelhos ideológicos do Estado. Althusser (1985) aponta os seguintes aparelhos ideológicos do Estado: os religiosos (o sistema das diferentes igrejas), o escolar (o sistema das diferentes “escolas” públicas e privadas), o familiar, o jurídico, o político (o sistema político, os diferentes partidos), o sindical, o da informação (a imprensa, o rádio, a televisão etc.) e o cultural (Letras, Belas Artes, esportes etc.)

Convém destacar o discurso jurídico que criminaliza o uso de drogas, o discurso da segurança pública, o da mídia pautada na violência, no tráfico nas favelas e na insegurança social. Medeiros (2006 *apud* MALHEIRO & ALVES, 2008, p. 11742) esclarece que:

A violência não é um dispositivo exclusivo da sociedade contemporânea, pois em outros momentos da história ela também se fazia presente. No entanto, a mídia tende a destacar as manifestações de violência como característica própria da contemporaneidade e associá-las ao uso indevido e ao comércio ilegal de drogas, supervalorizando a associação entre crimes, violência e drogas. Isto se torna mais evidente quando os atos violentos são relacionados com os grupos sociais estigmatizados, moradores de favelas e/ou periferia.

Observa-se também o discurso químico, da psiquiatria, que considera a toxicomania uma doença. Em contraposição, a psicanálise laciana, apoiada no conceito marxista de mais-valia, vai formular o conceito de gozo para pensar a questão da relação do sujeito com as drogas, não somente do ponto de vista do significante onde o sujeito se localiza como drogado, mas também a droga como objeto de gozo, provocando efeitos no corpo. Não a considera uma doença – o toxicômano não existe. Zafropulos (1988) afirma que a toxicomania pode se apresentar em qualquer uma das estruturas psíquicas: psicose, neurose e perversão.

E há, ainda, o discurso da saúde, no qual o uso de drogas afetaria a qualidade de vida. O discurso dos grupos anônimos, em especial narcóticos anônimos, que são referenciados em etapas – os doze passos –, representa o sujeito pelo significante: “eu sou drogado” e visa à abstinência: “evite o primeiro uso”, apresentando um certo controle e vigília sobre o sujeito.

Existem ainda: o discurso moralista religioso sobre as drogas, apoiado na crença religiosa; o discurso biológico, organicista, que trata os malefícios da droga no organismo; e o discurso da liberalização, segundo o qual algumas drogas, como a maconha, seriam benéficas ao ser humano, defendendo seu uso medicinal e recreativo. Segundo Orlandi,

São muitos os critérios pelos quais se constituem tipologias na Análise do Discurso. Uma das mais comuns é a que reflete as distinções institucionais e suas normas. Temos então o discurso político, o jurídico, o religioso, o jornalístico, o pedagógico, o médico, o científico. [...] O que caracteriza o discurso, antes de tudo, não é seu tipo, é seu modo de funcionamento. (ORLANDI, 2007, p. 85 e 86).

Podemos, então, considerar o discurso como relação social, e toda estrutura social é também atravessada por ele; as instituições estariam assim inseridas nesse contexto, incluindo a escola. Do ponto de vista do discurso, a escola é uma prática social regulada, no sentido de ensinar os sujeitos a entrarem e aprenderem a viver na sociedade moderna. O discurso seria não apenas uma fala do tipo, mas um modo de funcionamento, como dito por Orlandi.

Carlini-Cotrim e Pinsky (1989), ao falar sobre a prevenção de drogas nas escolas, apresentam os seguintes modelos educacionais: modelo do princípio moral; do amedrontamento; da informação científica; da educação afetiva; e da pressão do grupo. Dizem ainda que os discursos sobre drogas ganham força, na área da medicina psiquiátrica, como doença. Podemos trazer como exemplo a possessão em rituais religiosos, desautorizado pelo discurso médico, que diagnostica como um quadro de psicose. Algo que é aceito em um determinado grupo social com seu universo simbólico, mas acaba encarnando uma patologia formulada pela medicina.

Os estudos de Gilberta Acselrad (2005) refletem sobre os discursos sociais das drogas, trazendo toda a sua complexidade com argumentos múltiplos, o que, para a autora, dificulta a criação de um novo discurso sobre as drogas que pudesse facilitar a ação do professor. Como diz Acselrad,

A construção de um discurso próprio sobre as drogas implica exigências: identidade de cada um face ao discurso enunciado e a necessidade de incorporar argumentos múltiplos e encadeados: químicos, neorbiológicos, médicos, psicológicos, éticos, sociológicos, históricos, culturais, jurídicos, econômicos, políticos [...]. A demanda dos educadores por uma fala que oriente sua ação não pode ignorar essa complexidade. (ACSELRAD, 2005, p. 183)

E, na insegurança de se pensar em um discurso novo, os indivíduos acabam lançando mão do que já existe. Foucault (1971 *apud* ACSELRAD, 2005, p. 184) nos diz que “diante das dúvidas naturais a todo o começo, o indivíduo sente o desejo de incorporar um discurso já pronto”.

Acselrad (2005) propõe ainda uma classificação dos discursos sobre drogas com a intenção de desmistificar esse fenômeno social, e cita Nowlis, que identifica quatro modelos:

[...] decorrentes das posições assumidas a respeito das variáveis drogas, indivíduo e contexto sócio-cultural, mas que dependem também de outras suposições relativas ao comportamento: o modelo jurídico moral, o modelo da saúde pública, o modelo psicossocial e o modelo sócio-cultural. (NOWLIS, 1975, p. 50 *apud* ACSELRAD, 2005, p. 200)

Enquanto fenômeno social, a droga traz questões sintomáticas que de alguma forma mexem com a ordem existente, trazendo à tona uma diversidade de discursos de poderes, como podemos ver, o jurídico, o médico, o midiático, entre outros. Esses discursos são estabelecidos para tentar normatizar o problema na sociedade. As instituições estariam inseridas nesse contexto, inclusive a escola. E a familiar também traz conflitos ideológicos para o usuário de drogas, onde transgressões e proibições nesse ambiente inscrevem de alguma forma a sua relação com a lei. Segundo J. Bergeret & J. Leblanc,

Se esses jovens transgridem constantemente as leis, é porque eles não interiorizaram uma lei paterna e porque as leis, no duplo registro familiar e social delas, são constantemente desvalorizadas pelo ambiente que as cerca. Essas transgressões, frequentemente guardadas em segredo, representam a forma privilegiada de certas famílias. (1991, p. 275)

É importante frisar que, numa perspectiva althusseriana, existe um certo alinhamento da ideologia escolar com a ideologia familiar, enquanto aparelho ideológico.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Descrição da escola**

O município de Saquarema está localizado no Estado do Rio de Janeiro e pertence à região da Baixada Litorânea. Por séculos até a chegada dos portugueses em 1630, os índios Tupi habitavam esta região de "Socó-Rema", que significa bando de socós, ave típica da região da lagoa de Saquarema.

Segundo o IBGE, a população estimada em 2018 é de aproximadamente 87.704 pessoas com o IDH de 0,709. O número de matrículas no ensino fundamental é de 11.055 (2017). Número de estabelecimentos de ensino é de 47 escolas (2017). De acordo com o IDEB, a média dos anos finais do ensino fundamental é de 4,1 (2017).

Convém ressaltar que Saquarema ficou conhecida nacionalmente pelos seus festivais de rock e campeonatos de surf. Na década de 1970, boa parte da juventude carioca foi seduzida por estes eventos, identificada com o modo de vida e os movimentos contraculturais que ocorriam no mundo e no Brasil. Este sentimento permanece nos dias atuais, pois a cidade ganhou o status de Maracanã do surf, sediando uma das etapas do Circuito Mundial de Surf, a qual é televisionada para o mundo inteiro. Além disso, foi construído o Templo do Rock, onde residia o lendário roqueiro Serguei.

A pesquisa de campo teve início com a minha ida à Secretaria Municipal de Educação, onde me apresentei como mestrando da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). A Secretaria Municipal de Educação me encaminhou ao Centro de Educação Padre Manuel, localizado na Rua Domingos de Aguiar Cardoso, 91 - Porto da Roça.

A identidade do Centro de Educação é representada pelo nome do Padre Manuel. O Padre Manuel Perez Delgado, espanhol e professor de Ciências, lecionou no colégio Cenecista e atuou na principal igreja de Saquarema, Igreja Nossa Senhora de Nazareth, padroeira da cidade, onde é realizado o Círio de Nazaré mais antigo do Brasil, nos dias 07 e 08 de setembro.

O Centro de Educação Padre Manuel é uma escola de três turnos, dos anos finais do ensino fundamental (6<sup>a</sup> ao 9<sup>a</sup> ano), atendendo a todos os distritos. A cidade de Saquarema é dividida em: primeiro distrito - Saquarema; segundo distrito - Bacaxá; e terceiro distrito - Sampaio Corrêa. Por ser uma escola polo, ela tem grande importância na formação dos

adolescentes saquaremenses. Além disso, a escola tem uma função social importante na vida cultural desses jovens, pois oferece atividades esportivas, banda de música, teatro e grupos de dança. O interessante é que os alunos costumam fazer apresentações na praça do centro de Saquarema. Do ponto de vista cultural, a cidade oferece ainda o Sítio Arqueológico dos Sambaquis da Beirada, o Templo do Rock, o Teatro Mario Lago e a Igreja Nossa Senhora de Nazareth, criada em 1630, com a chegada dos portugueses.

Ao entrar no Centro de Educação Padre Manuel, deparei-me com a seguinte frase escrita na parede interna e central da escola: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”, Albert Einstein. A escola apresenta ainda em suas paredes uma exposição de fotos e pinturas.

Essa instituição funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, atuando no ensino fundamental (manhã/tarde) e educação de jovens e adultos (6<sup>a</sup> a 9<sup>a</sup> fase, noite). O turno da manhã é composto por 4 turmas de 30 alunos. O turno da tarde é composto exatamente pelo mesmo número de turmas e alunos. No turno da noite, a educação de jovens e adultos tem um total de 90 alunos distribuídos em três turmas. A presente pesquisa foi realizada estritamente no turno da tarde.

A estrutura física da escola é arquitetada em dois pisos. No primeiro piso, há um pátio com uma área gramada, com alguns bancos que possibilitam a socialização dos alunos durante os intervalos das aulas. Encontra-se também uma quadra poliesportiva coberta, com arquibancada e vestiários masculino e feminino. Ainda próximo ao ginásio, há uma pista de atletismo ao ar livre, uma quadra de futebol de grama sintética. No térreo também estão localizados um anfiteatro com capacidade para duzentas pessoas, a cozinha e o refeitório, que são supervisionados por uma nutricionista, as salas do diretor e dos professores, da secretaria e dos demais funcionários da escola.

A passagem para o segundo piso se dá através de rampas, provendo a acessibilidade para os alunos com necessidades especiais. No segundo andar, estão localizadas as 20 salas de aula, todas com ar condicionado para atender aos estudantes da escola. Existem bebedouros e banheiros próximos às salas de aula. Há ainda a sala de informática: com 20 computadores, internet banda larga e um professor responsável. A coordenação pedagógica é localizada no mesmo andar das salas de aula, além da biblioteca e da sala de leitura.

Convém ressaltar que se trata de uma escola urbana. O acesso dos alunos à escola é através de transporte público gratuito. A escola apresenta saneamento básico de rede pública que inclui água, esgoto e energia.

A impressão que tive do Centro de Educação Padre Manuel com relação a sua estrutura arquitetônica, a sua organização administrativa e pedagógica foi magnífica, o que de alguma forma contribuiu para a aplicação da minha pesquisa de campo.

### **3.2 Universo da pesquisa**

A seleção da unidade escolar de ensino foi orientada pela Secretária Municipal de Educação de Saquarema, por ser uma escola polo que atende a todos os distritos de Saquarema. O primeiro contato no Centro de Educação Padre Manuel foi com o diretor, que indicou a orientadora pedagógica para eu expor como seria feita a pesquisa de campo. Depois de mostrar como transcorreria as atividades, ficou combinado que a pesquisa seria feita em 3 dias, devido ao calendário apertado da escola. A princípio aconteceria nas aulas de Educação Física, com uma turma de 9º ano, do ensino fundamental, mas o fato de os alunos estarem treinando para os jogos estudantis, acabou gerando a mudança para que a pesquisa fosse realizada nas aulas de Ciências.

Participaram da prática, portanto, os alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental, turno da tarde. O universo da pesquisa compreendeu 24 alunos de uma turma de 30 estudantes, com idade entre 13 e 15 anos. Apresentou-se aos estudantes a proposta de uma pesquisa de caráter lúdico-dialógico. Não foram utilizadas filmagens nem gravações, apenas os textos escritos dos estudantes. No primeiro dia, houve uma apresentação aos estudantes com a presença da orientadora pedagógica. No segundo dia, foi solicitado que escrevessem sobre o tema a juventude e as drogas. A experiência lúdica utilizada como recurso metodológico foi o jogo da onda, desenvolvido por pesquisadores do laboratório de educação em ambiente e saúde (LELAS), do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz). No terceiro dia, ocorreu uma dinâmica que pontuava a importância do diálogo na discussão deste tema. Nesse momento, os estudantes puderam debater sobre o tema das drogas.

Dentre os 24 alunos participantes, a maioria possui celular e computador e faz uso de redes sociais. Em relação ao perfil socioeconômico, são de família de classe baixa e média, cujos pais, majoritariamente, trabalham no comércio. É um grupo com possibilidades de práticas de consumo, oportunidades de lazer, participação em atividades extraclasse esportivas e culturais da escola, considerando assim que estão inseridos em um universo capitalista, não pré-capitalista, uma vez que existem práticas de consumo.

### 3.3 Coleta de dados

A presente pesquisa foi realizada com base em uma análise qualitativa do material colhido na observação de campo, a partir de uma metodologia lúdica, como já mencionado, com adolescentes do 9º ano do ensino fundamental e referenciada nos discursos sobre as drogas e suas implicações nas falas desses estudantes, numa perspectiva dialógica, no Centro de Educação Padre Manuel, em Saquarema. Adade e Monteiro (2014, p. 220) dialogando com Jodelet (2001) apontam que:

As representações sociais são aqui concebidas como imagens, concepções e ideias sobre a realidade compartilhada por determinado grupo, demonstrando a visão consensual nele presente. As representações e práticas sociais se manifestam por meio de sentimentos, discursos, pensamentos e ações expressas, essencialmente, pela linguagem.

No que tange ao tipo de pesquisa, esse estudo optou por um enfoque qualitativo por considerar que esta abordagem nos mostra “[...] que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permite estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN & BIKLEN 2000, p. 49).

A trajetória metodológica da pesquisa passou pelo levantamento bibliográfico e investigação do conhecimento, das ideologias discursivas sobre as drogas e as propostas educativas que tratam a prevenção de drogas nas escolas. Convém salientar que essa pesquisa utilizou como referencial teórico os autores que tratam a questão do uso indevido de drogas e a análise de discurso francesa.

Em seu texto *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais* (2006), Chizzotti diz que o discurso não pressupõe somente uma estrutura ordenada de palavras, o sujeito humano se expressa em um mundo onde ele se pergunta: quem eu sou, o que quero e com quem estou; e esse discurso se localiza dentro de um contexto sócio-histórico cuja compreensão estaria relacionada com os processos político, cultural e socioeconômico.

Observou-se no levantamento bibliográfico que os estudos em geral consideram a escola um espaço significativo para discutir o tema drogas. E alguns dos principais pontos ressaltados foram: as atividades que priorizam o diálogo têm resultados mais significativos que os informativos; há entrecruzamento de fatores psicológicos e a sexualidade na experiência com as drogas; a relevância do suporte familiar nesse tema.

Em relação à minha pesquisa a maioria dos estudantes falam da importância do diálogo com a família, e que muitas vezes os pais não estão cientes do que ocorre – provavelmente por falta de conhecimento de como abordar a questão, ou mesmo por serem ausentes ou problemáticos. A transgressão aparece como prática dentro da própria casa. Os alunos, na sua maioria, fizeram relatos com relação à influência dos amigos como um dos caminhos para o consumo de drogas. Entendemos, a partir dos escritos dos estudantes, que a droga traz uma marca negativa na amizade.

Minha experiência com esses alunos mostrou que os estudantes ficam realmente motivados a discutir o tema das drogas de forma mais participativa, lúdica, dialógica e criativa. O que possibilita ao adolescente atuar.

A pesquisa tem início a partir da minha reflexão em relação aos problemas de drogas que vinham surgindo em uma escola pública do governo do Estado do Rio de Janeiro em Saquarema, na qual leciono, o que me estimulou a formular a questão desta pesquisa, já que tenho uma longa experiência como professor de educação física, nas áreas de educação, clínicas psiquiátricas e de dependência química. Então, depois do contato com o Centro de Educação Padre Manuel Educacional, através da Secretária Municipal de Saquarema, com carta de recomendação da Unirio, ficou definido que a pesquisa de campo ocorreria nos dias: 22/9/2019, 28/9/2019 e 5/10/2019. A coleta de dados foi realizada, desde o primeiro contato com a escola e os alunos, e os primeiros escritos produzidos pelos estudantes em relação ao tema “juventude e as drogas”.

No dia 22, a orientadora pedagógica foi até a sala de aula comigo para que eu pudesse explicar aos estudantes como seria realizada a pesquisa. Achei interessante o primeiro encontro, pois os alunos mostraram-se motivados com a proposta de debatermos o tema “juventude e as drogas”. Expliquei que era para o meu curso do mestrado na Unirio, uma universidade pública federal localizada na capital do Rio de Janeiro. Disseram que não conheciam a universidade. Perguntei se conheciam o Pão de Açúcar e disseram que sim, então comentei que era ao lado da estação do bondinho do Pão de Açúcar. Saí com uma boa impressão nesse dia do primeiro contato.

No dia 28, foi solicitado que os estudantes escrevessem individualmente em uma folha de papel, sem identificação do nome, sobre o tema: a juventude e as drogas. Esse material foi o utilizado para análise. Quando entregaram os escritos, alguns alunos o fizeram com a folha dobrada, como se estivessem guardando o seu segredo. Então, reafirmei que as palavras escritas eram sigilosas, não seriam identificadas. Após o recolhimento dos escritos,

ocorreu uma vivência lúdico-dialógica, utilizando o jogo da onda como estímulo. Num primeiro momento, foi explicado o jogo e suas regras, e depois os 24 alunos presentes foram divididos em grupos, ficando um dos grupos com um estudante a mais, pois foi incluída uma aluna com síndrome de Down. Todos foram participativos e se mostraram motivados, ultrapassando as minhas expectativas, já que a professora e a orientadora pedagógica haviam dito que era uma turma complicada.

Dentro de uma perspectiva althusseriana, podemos pensar no mecanismo da ideologia que é a interpelação do indivíduo em sujeito. A ideologia é o que faz o sujeito agir e se inserir em um contexto social. Para Courtine (2014, p. 71) “Trata-se de realidades complexas que colocam em jogo práticas associadas a relações de lugares (determinadas pelas relações de classes)”. Assim, penso na posição da professora e da orientadora pedagógica atrelada a uma ideologia escolar de disciplinarização, ou seja, o aluno subordinado a uma ideologia escolar. Posição essa que tenta garantir que tudo ocorrerá bem, ou seja, façam tudo o que eu digo, pois eu quero o bem de vocês. Um discurso que se aproxima do discurso da família. Assim, o indivíduo obedece aos professores e aos pais e fica tudo “paz e amor”.

Ocorreu um ótimo vínculo comigo, uma transferência real e positiva. Ao final do jogo, perguntei se haviam gostado e disseram que sim, pois puderam expor suas opiniões e discutir com os colegas, debater sobre o tema da relação dos jovens com as drogas. Solicitei que pensassem, criassem um jogo sobre o tema drogas para o próximo encontro do dia 5/10/2019.

No dia 5, coloquei que abordaríamos o tema a partir do diálogo, através de uma dinâmica, já que não foi possível eles criarem o jogo para fazer suas exposições. Então, foram divididos em grupos e dentro do grupo havia um mediador. Primeiro, discutiriam suas ideias sobre o tema durante 15 minutos, e depois houve um debate de um grupo com outro na presença do mediador. Este teria a função de marcar o tempo de discussão e mediar os debates. Ao final foi formado um grande grupo de discussão com todos os grupos anteriormente formados. No término da dinâmica, agradei, fiz elogios sinceros ao grupo e apesar do pouco tempo de convívio, acredito ter sido realmente positiva a interação e uma experiência nova para eles, ao abordar o tema drogas dessa forma lúdico-dialógica, possibilitando a abertura de horizontes.

Convém ratificar que fiz a escolha para a análise de dados foram dos primeiros escritos, do dia 28/9/2019, pois os outros foram após o jogo da onda. Levando em

consideração que tal atividade, poderia influenciar o pensamento dos estudantes, optei por analisar os escritos e tipificar os discursos dos estudantes que apareceriam nas escritas anteriores a ela. Ressalto ainda que apesar de ter citado vários discursos sociais sobre as drogas, não necessariamente todos esses discursos aparecerão nas escritas dos estudantes.

Conforme Bechara (2009, p. 29), “A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: criatividade (ou *enérgica*), materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade”. Aqui transcrevo alguns fragmentos dos escritos individualizados dos 24 estudantes. Algumas palavras foram corrigidas, mas procurei reproduzir fielmente as escritas produzidas pelos alunos (todos os textos originais estão disponíveis integralmente na seção Anexos).

1º escrito – Estudante: O uso da droga como *moda* – *tem muitos jovens viciados*.

---

2º escrito – Estudante: *Muitos jovens usam drogas mas não é muito bom para a saúde – acabam se afastando de sua família – muitos que usam acabam fazendo coisas erradas, roubam coisas de casa para comprar drogas*.

---

3º escrito – Estudante: *muitas pessoas na juventude tem a experiência de utilizar a droga – são usuários que viciam, maioria das vezes são por causa da depressão*.

---

4º escrito – Estudante: *O jovem experimenta a primeira vez e gosta, só que depois vem a dependência – vende os bens – desrespeita os pais por não dar dinheiro e no final acaba sozinho na rua – os amigos dizem é bom cara usa, você vai gostar, porém amigos não diz que você vai acabar com sua família, sem amigos e sozinho na rua*.

---

5º escrito – Estudante: *Ninguém deve usar pois estraga a vida – meu pai ex-usuário de droga, quando era criança quase não via meu pai*.

---

6º escrito – Estudante: *A droga é muito ruim – A pessoa usa droga para se achar e para ver se acaba com os problemas deles fumando.*

---

7º escrito – Estudante: *Está se tornando comum o uso de drogas entre os jovens – eu nunca usei mas tenho amigos e um irmão que já usaram – estraga a vida perde a essência da juventude.*

---

8º escrito – Estudante: *Os jovens estão indo para as drogas para se divertir mas não precisam disso – as drogas traz muitos problemas no corpo humano e mexe no psicológico.*

---

9º escrito – Estudante: *A droga é uma droga – leva a porta do tráfico – leva ao roubo – leva à morte.*

---

10º escrito – Estudante: *Muitos jovens hoje estão se perdendo nas drogas – as mães não sabem que os filhos estão nesse meio – quanto mais você usa mais você quer.*

---

11º escrito – Estudante: *na minha opinião os jovens que usam drogas estão acabando com a própria vida deles, pois na maioria das vezes não conseguem estudar – não consegue arrajar um trabalho – não tem uma vida social com a própria família.*

---

12º escrito – Estudante: *Escolher as drogas é opcional, porém não é a melhor escolha.*

---

13º escrito – Estudante: *As drogas tem os dois lados da moeda – tem drogas que não faz muito mal, mas tem drogas que faz muito mal – usar droga pra se enturmar com a rapaziada – nunca gostei minha educação é de militar.*

---

14° escrito – Estudante: *As vezes usam por influência de amigo ou as vezes por falta de opção – parem de usar drogas, parem de estragar o futuro de vocês.*

---

15° escrito – Estudante: *Usam drogas porque os jovens estão perdidos; influência de amigos, se não usa é julgado como medroso, careta.*

---

16° escrito – Estudante: *os jovens passam por muitos problemas e isso afeta o seu psicológico, por conta disso muitos recorrem ao uso de drogas – os pais tinham que dar mais atenção aos seus filhos – a grande maioria dos jovens que usam drogas tem muitos problemas.*

---

17° escrito – Estudante: *A maioria dos jovens já usaram drogas*

---

18° escrito: *Jovens usando drogas e traficando enquanto suas famílias choram em casa. – as drogas acabam com a saúde mental e emocional, além de afetarem muitos órgãos da pessoa que usa e também as pessoas que estão perto dela – não use drogas, isso destruiu a minha família, pode destruir a sua também!*

---

19° escrito – Estudantes: *os jovens hoje em dia estão cada vez mais perdidos e mais influenciados por outros jovens.*

---

20° escrito – Estudante: *Os jovens estão cada vez mais perdidos – sendo influenciados pelos próprios amigos.*

---

21º escrito – Estudante: *na juventude as drogas são mais usadas – muitos jovens são influenciados por amigos – as drogas levam muitos a roubar – acaba levando à prisão.*

---

22º escrito – Estudante: *Acho que muitos jovens usam drogas para esquecer os problemas em casa e na vida amorosa; muitos usam por diversão; influência de amigos; Usa uma vez e não para, vira um vício.*

---

23º escrito – Estudante: *muitos adolescentes são viciados em drogas – muitas vezes os filhos vendem coisas dentro de casa para comprar drogas – também causa muita discussão dentro de casa.*

---

24º escrito – Estudante: *as drogas fazem mal a saúde – nunca usei droga e não pretendo não usar por além de fazer mal – na maioria das vezes as pessoas viciam e perde todo o seu dinheiro e viram pobres ou bandidos – não quero isso pra mim.*

### **3.4 Resultados**

Os discursos sociais das drogas carregam ideologias através das instituições, como, por exemplo, a escola. Os discursos institucionais procuram normatizar o fenômeno das drogas dentro da sociedade. Assim sendo, torna-se relevante referenciar os escritos dos estudantes à totalidade de discursos possíveis, a partir de um estado delimitado de condições de produção, considerando assim que o funcionamento da linguagem não é unicamente linguístico. A análise do discurso possibilita analisarmos o dito e o não dito do sujeito a nível dos textos, períodos, palavras etc. Orlandi (1987) considera a linguagem como lugar de conflito, debate e de interação. Assim, é importante sinalizarmos a tipologia e o funcionamento dos discursos dentro do campo ideológico das drogas. Pêcheux (2014) defende a ideia de que a formação discursiva é definida na relação com a formação ideológica. Pretendemos aqui começar a expor uma análise individualizada do material coletado nessa pesquisa, além de uma análise mais globalizada em relação às categorias que

surgiram a partir dela: desbussolado, família tóxica, traço negativo da amizade e transgressão.

No que se refere aos discursos sociais das drogas, nos escritos dos estudantes verificamos uma predominância dos discursos que dizem respeito à família, aos amigos, do discurso jurídico, da criminalidade, da transgressão, da posição subjetiva do sujeito diante de uma crise de referência, do discurso da saúde, do discurso biológico e do discurso médico. Os estudantes não fazem referência à escola. Além disso, não citam o discurso religioso, dos grupos de narcóticos anônimos, da liberalização das drogas, e apenas dois estudantes mencionam o tráfico de drogas, que estaria atrelado ao discurso da segurança pública, tendo como diretriz ideológica a guerra às drogas agindo pela repressão. A pesquisa mostra que os estudantes têm uma tendência a reproduzir os discursos dominantes das drogas em seus escritos, tornando necessário que, nos projetos de prevenção de drogas dentro do ensino público, seja considerado como um dos pilares o conhecimento desses discursos dominantes, e que se estimule o estudante a ter a sua própria posição em relação ao assunto.

Pretendemos frisar, para uma análise individualizada, algumas frases expostas pelos estudantes que foram destacadas na coleta de dados, estando os escritos na sua totalidade no tópico II em Anexos. No escrito (1), por exemplo, o estudante faz referência ao uso de drogas como moda. Entendemos a moda como uma espécie de norte cultural, como o corte de cabelo, a maneira de vestir-se, os filmes, os livros, ou seja, um processo identificatório por época. Charboneau (1988) considera a experiência com as drogas um componente cultural, já que se faz presente em nossa sociedade, e um exemplo disso foi o movimento hippie. Outro ponto importante é a formulação althusseriana dos aparelhos ideológicos do Estado, onde a cultura é um aparelho ideológico.

No escrito (2), o estudante diz que muitos jovens usam drogas, mas não é muito bom para a saúde. O discurso da saúde com a sua essência normalizadora, traz, por exemplo, uma ideologia que pessoas praticantes de esporte estariam afastadas das drogas. O desporto até tem uma função normalizadora, mas não é garantia de que um jovem não usará droga. Canguilhem (1995) diz que essa normalização estaria ligada a uma ideologia biológica, ou seja, a regulação social tendendo para uma regulação orgânica, do funcionamento do corpo humano.

No escrito (5), o estudante fala da ausência paterna como consequência do pai ser ex-usuário de droga. O problema parece vir da família; muitas vezes a família é a fonte dos problemas e é tóxica. Nesse caso, há uma desconstrução do discurso da família, pois nem

sempre o discurso familiar é normatizador. Nesse contexto, a experiência com as drogas desconstrói a ordem familiar, rompe com a ideologia familiar na medida em que, segundo Pêcheux (2014), a formação discursiva estaria baseada na ideologia.

No escrito (6), entendemos na frase: “[...] a pessoa usa droga para se achar e para ver se acaba com os problemas dela fumando [...]”, como alguém que está procurando um caminho para se achar. Um sujeito desbussolado (sem bússola) e a droga como um caminho para se encontrar. A divisão subjetiva do sujeito é efeito de conflitos ideológicos: ser ou não ser. Afirma Pêcheux (2014):

[...] as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantém, necessariamente, entre si os “processos discursivos”, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes. (2014, p. 83)

Sugerimos, a partir desta pesquisa, apoiados nessa crise de referência do sujeito e o uso de drogas, pensarmos os conflitos de classes como um dos determinantes, referenciados no conceito althusseriano de sobredeterminação, ou seja, uma multiplicidades de determinantes. O que, para Freud (1987), teria relação com o sintoma.

No escrito (8), é citado que a droga traz muitos problemas para o corpo humano e mexe no psicológico. O discurso biológico aborda os efeitos das drogas no funcionamento do corpo humano. Do ponto de vista psicológico, a droga altera a imagem do corpo, portanto um adolescente inibido, no encontro com as drogas, poderá sentir-se desinibido. Podemos, diante desse contexto, dialogar com Canguilhem (1995), quando afirma que, para definir o normal ou patológico para o corpo humano, é preciso olhar para além desse corpo.

No escrito (10), as palavras do estudante, ao dizer: “[...] quanto mais você usa mais você quer [...]”, nos remete à droga como objeto de gozo. Entendemos que do ponto de vista psicanalítico, a partir de Lacan (1985), a droga não só pode localizar o sujeito no significante “eu sou drogado”, como poderá também ter efeitos sobre o corpo enquanto objeto de gozo. Essa exacerbação, transbordamento, será tratada pelo médico através da desintoxicação, ou seja, fazer o organismo retornar a uma média, pensamento este baseado na tese de Canguilhem (1995) sobre a média e a normalização, descrita no seu livro *O Normal e o Patológico*. No entanto, somente a desintoxicação não é suficiente, pois é importante que o sujeito possa questionar por que faz uso de drogas.

No escrito (12), aparece uma questão que nos faz refletir sobre a implicação do sujeito no uso de drogas, apesar da pressão dos grupos, existe a possibilidade de o sujeito optar ou

não pela experiência com as drogas. O estudante diz: “[...] escolher a droga é opcional porém não é a melhor escolha [...]”. Charbonneau (1988) defende a tese de que a pressão dos grupos empurra para as drogas. Apesar de ser uma perspectiva relevante, é significativo também considerarmos a pressão do grupo aliada à posição subjetiva do sujeito como um dos determinantes no encontro com as drogas.

No escrito (13), o estudante apresenta o argumento de que não usa droga porque tem um militar na família. Um pensamento de que pode ser vigiado e repimido pela figura paterna, a ideologia de que o militar pode ter um controle sobre o sujeito, o assujeitamento ao domínio do outro, o que Pêcheux (2014) trata como um mecanismo próprio de funcionamento discursivo ligado à ideologia. E fazendo um contraponto com Lacan (1992), o sujeito sob as amarras do discurso do mestre, pelo assujeitamento à ordem social.

No escrito (23), aparece como em outros escritos o aspecto da transgressão em relação à venda de bens de dentro de casa para comprar drogas. O aspecto compulsivo no uso de drogas poderá enquadrar o sujeito na criminalidade, colocando-o no universo do discurso jurídico, na relação do sujeito com a lei. Outro ponto é que o discurso da segurança pública irá se pautar na lei para exercer sua função de repressão às drogas, e também no discurso da mídia, com sua agenda voltada em grande parte para a violência e o tráfico nas favelas. Os aparelhos ideológicos de Estado podem agir tanto pela ideologia como também pela repressão, numa proposição althusseriana.

Convém apresentarmos também os resultados dessa pesquisa de uma forma mais global, a partir das escritas dos estudantes em relação ao tema: juventude e as drogas, referenciado nas categorias que surgiram na coleta de dados. São elas: a família tóxica, os desbussolados, a transgressão e o traço negativo da amizade. No entanto, por ser um grupo de 24 alunos, gostaria de enfatizar que não pretendo generalizar minha análise, mas formalizar essa discussão em relação a este universo de estudantes.

Primeiro em relação ao lúdico-dialógico, que foi a estratégia metodológica utilizada na pesquisa, posso dizer que Huizinga sustenta a ideia de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. No seu livro *Homo Ludens*, o jogo é tratado como fenômeno cultural, contrapondo-se ao biológico. É mais uma perspectiva histórica do que psicológica, biológica etc. A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análise biológica. Assim, a pesquisa lança mão do jogo da onda como função social. Uma forma específica de atividade que visa a conscientizar, mediante o brincar, aspectos que envolvem a relação do sujeito com as drogas. Segundo Huizinga, o jogo tem

uma característica de liberdade; as pessoas brincam porque gostam de se divertir e o jogo é também uma evasão da vida real. É relevante pensarmos que, como função social, o jogo contribui para a prosperidade do grupo social, além do fato de ter uma tendência a ser guardado na memória. O jogo cria uma sequência e introduz na turbulência da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada. Podemos pensar que ele ajuda não só na organização dos grupos, mas do próprio pensamento.

É relevante refletirmos sobre os alunos que vivem uma crise de referência, ou seja, desbussolados, perdidos. A tensão que o jogo provoca gera uma certa incerteza, assim a possibilidade de experimentar essa sensação pode ser construtiva para o adolescente, no sentido de poder lidar com a incerteza – o acaso do jogo –, e aprender a lidar com isso. Existe uma prática social no ato dos jovens de se reunirem para jogar, não importando o tipo de jogo. Esses grupos costumam criar laços sociais permanentes, ou seja, reúnem-se mesmo depois de terminado o jogo. Nessa prática social, podem surgir espaço para relações amorosas, festas, uso de bebida alcoólicas e mesmo drogas. Existe também o uso de droga como uma prática social, pequenos grupos de usuários, microssociedades, formadas por amigos, a galera que consome junta em um determinado lugar: festas, churrascos, jogos esportivos etc., em encontros de finais de semana.

Althusser (1985, p. 98) diz: “Antes de nascer, a criança é portanto sujeito, determinada a sê-lo através de e na configuração ideológica familiar específica na qual ela é ‘esperada’”. Na escrita dos alunos, aparece uma certa demanda em relação à família. A família aparece de forma idealizada. A ideologia mais comum é de que a família vai ajudar, que vai resolver tudo; mas nem sempre a família, ou mesmo a escola, terá a saída para tudo. A família não é uma solução universal, muitas vezes é fonte dos problemas e tóxica. Aparece também a paternidade problemática do pai que usa droga, o pai como uma autoridade problemática. No entanto, devemos refletir até que ponto a família influencia na experiência, ou não dos adolescentes com as drogas.

Conger (1998 *apud* ABRAMOVAY & CASTRO, 2005, p. 81) enfatizará “[...] que a família é apenas um entre os vários contextos que interagem entre si e que afetam as trajetórias juvenis, não sendo, portanto, fator de influência determinante para uso e abuso de drogas e de comportamento delinqüente em jovens”. Entende-se que mais de um determinante estaria em jogo nas experiências dos sujeitos com as drogas. Partindo da leitura do conceito de sobreterminação de Freud, Althusser vai defini-lo como uma multiplicidade de determinantes. A sobre-determinação apresenta na verdade um aspecto de causalidade.

E Pêcheux (2014, p. 197) vai dizer que “[...] toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório – desigual – sobredeterminado das formações discursivas [...]”.

Além disso, aparecem os escritos dos jovens perdidos: desbussolados, sem bússola. A droga presente nessa era de jovens sem bússola, ou seja, sem referências. Algo que remete à divisão subjetiva do sujeito. Lacan (1992, p. 31) defende: “Desde que o sujeito humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de se situar em qualquer lugar na natureza”. Essa crise de referência, essa falta de rumo que muitas vezes levam os jovens a pensarem “Que se dane tudo!”, cria um quadro onde se tem uma liberdade, mas não normatizada, ficando disperso, anárquico e a droga acaba sendo um caminho para tentar se achar. Uma posição subjetiva: o que eu sou? Segundo Charbonneau:

Na escola eles vivem sua adolescência em tudo o que a adolescência tem de mais crítico. Procura de identidade, contestação sistemática, exigência de liberdade sem que eles tenham assimilado a relação liberdade/responsabilidade, despertar sexual turbulento, descoberta do amor, alegrias e dramas da amizade às vezes prometida, às vezes traída, exacerbação do sentido crítico que acompanha o acesso à ciência e o crescimento intelectual.

Nesse contexto o adolescente procura a si mesmo, freqüentemente se sente perdido, encontra um vazio de referências que poderiam oferecer-lhe um projeto livre no momento em que ele procura seu caminho, vive certa angústia que é natural nessa idade, conhece momentos de grande alegria e momentos intermediários de grande sofrimento interior. (CHARBONNEAU, 1988, p. 52)

A questão da criminalidade aparece mais em relação à venda de bens da família, ou o furto em casa dos bens da família. Este quadro muitas vezes ligado ao desejo de transgredir e correr riscos, como, por exemplo, a busca de drogas ilícitas em favelas. Em *Toxicomanias: Uma Visão Multidisciplinar*, J. Bergeret e J. Leblanc (1991, p. 275) ponderam que: “Se esses jovens transgridem constantemente as leis, é porque eles não interiorizaram uma lei paterna e porque as leis, no duplo registro familiar e social delas, são constantemente desvalorizadas pelo ambiente que as cerca”.

Aparece uma certa ideologia jovem neste grupo específico. Eles se vêem como um grupo de amigos, a esfera que leva ao uso da droga é a amizade. Pode ser a porta de entrada para as drogas pela possibilidade de uma condenação e serem chamados de medrosos, caretas etc. Assim, a amizade não é muito celebrada, é vista como risco, enquadra a pessoa como “medroso”, “careta”. Não aparece amigo desaconselhando. O uso de drogas faz uma marca negativa com relação à amizade. Charbonneau diz:

[...] que há aspecto gregário muito sensível no fenômeno de consumo da droga. Quase nunca um indivíduo começa sozinho, sem que haja uma espécie de parceria que compromete cada um dos elementos perante os outros. (1988, p. 65)

Assim, a pressão do grupo parece interferir na iniciação às drogas, mas não para desaconselhar seu uso. No entanto, é preciso destacar que existe a responsabilidade do sujeito também, pois existe a possibilidade de optar ou não pelas drogas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que na contemporaneidade o fenômeno das drogas tem ocupado lugar de destaque na sociedade brasileira e no mundo. As autoridades têm tratado o assunto mais de forma repressiva, a partir da bandeira da guerra às drogas, do que tomado medidas educativas eficientes. Essa pesquisa procurou criar reflexões que possam servir de referência para futuras políticas públicas.

A relevância desta pesquisa partiu da pesquisa do Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas (CEBRID), onde foi constatada a precocidade no uso de drogas e um aumento do uso de drogas por estudantes de escolas públicas.

A motivação desse estudo qualitativo girou em torno da questão dos discursos sobre as drogas e suas implicações nas falas de estudantes de escolas públicas, procurando referenciar-se em trabalhos, livros e textos de autores brasileiros que tratam do assunto e na Análise do Discurso francesa. Na medida em que os discursos sobre as drogas carregam ideologias, através de instituições – como a jurídica, a médica, da informação etc. –, essas tentam regular o fenômeno social das drogas e normatizá-lo dentro da sociedade, porém criando discursos estigmatizados.

No levantamento bibliográfico, ficou evidenciada a escola como um dos espaços significativos para discussão do tema, o entrecruzamento das drogas com a sexualidade, a importância da família e de atividades metodológicas participativas. Podemos afirmar a partir de nossos estudos que a escola é um espaço significativo, fazendo a ressalva, no entanto, de que ela não pode ser a solução para tudo, apesar de os indivíduos passarem um grande período de suas vidas dentro do sistema escolar. Em relação à família, ressaltamos que muitas vezes ela possa aparecer como problema, ou seja, tóxica. No entanto, consideramos ambas como instituições fundamentais na abordagem do assunto com os jovens.

A pesquisa de campo utilizou uma metodologia lúdica-dialógica em detrimento da simples informação, reforçando no campo acadêmico a importância do sujeito diante da problemática do uso indevido de drogas. Além disso, foi trazida para o campo que trata a questão das drogas a Análise do Discurso francesa, destacando ainda os conceitos de sobredeterminação de Althusser, de ideologia científica de Canguilhem e do discurso em Lacan. Este trabalho teve como propósito fomentar novas reflexões sobre o assunto, no que

diz respeito à abordagem da prevenção de drogas em escolas, e desvelar o que dos discursos ideológicos impedem as medidas educativas de se tornarem mais eficientes.

Dos resultados da pesquisa, a partir dos enunciados dos estudantes revelados materialmente em suas escritas, foram produzidos significados que sugerem: uma juventude em crise de referência, ou seja, desbussolada; uma ideologia familiar que pode se apresentar como tóxica; os traços negativos da amizade que podem empurrar o sujeito para as drogas; e, ainda, aspectos de transgressões que aparecem em relação à venda de bens da família.

Como sugestão, a partir desse estudo, pretendemos continuar nossas reflexões no sentido de olharmos o fenômeno das drogas dentro de uma perspectiva sobredeterminada, uma multiplicidade de determinantes, onde a sua causalidade se liga às formações discursivas. Como não foi possível nessa pesquisa aprofundar-nos na análise desses determinantes, consideramos estes elementos com potencial para futuras pesquisas. Esse caminho sugere uma desconstrução dos discursos estigmatizados das drogas em nossa sociedade.

Encerro sob os auspícios de Pêcheux, “*ça parle*” - “isso fala”, sempre antes em outro lugar e independente, sob a dominação das formações ideológicas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas Escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO. Rede Pitágoras, 2005.

ACSELRAD, G. org. A educação para a autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: \_\_\_\_\_. **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 183-212. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/acselrad-9788575415368-12.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Drogas, a Educação para a Autonomia como Garantia de Direitos. **Revista da EMERJ**, v. 16, n. 63 (ed. esp.), Rio de Janeiro, p. 96-104, out.-dez. 2013. Disponível em: <[http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista63/revista63\\_96.pdf](http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista63/revista63_96.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2018.

ADADE, Mariana; MONTEIRO, Simone. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wpcontent/uploads/2013/09/v.40-n.1.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2015.

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério. **Drogas: uma abordagem educacional**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

ALTHUSSER, L. **A favor de Marx**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. 2ª ed. Trad. Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítico-histórica**. 2ª edição. Trad. e notas Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARALDI, Jossara Cattoni; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Maria Conceição de; GHIZONI, Angela Carla. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Interface** [online], Botucatu, vol. 16, n. 40, pp. 135-148, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832012005000002>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

BADIOU, A. e ALTHUSSER, L. **Materialismo Historico Y Materialismo Dialectico**. 3ª ed. Córdoba: Ediciones Pasado y Presente, 1972.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. revisada, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGERET, J. & LEBLANC, J. (org.). **Toxicomanias: Uma Visão Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Bergson, H. M. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos.** Coleção Ciências da Educação, nº 12. Porto: Porto Editora, 2000.

BRASIL. **Decreto 99.710 de 21 de novembro de 1990.** Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d99710.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm)>. Acesso em: 11 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Saúde. In.: \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>>. Acesso em: 06 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.912, de 27 de setembro de 2006.** Regulamenta a Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, que trata das políticas públicas sobre drogas e da instituição do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20042006/2006/Decreto/D5912.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/Decreto/D5912.htm)>. Acesso em: 01 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei 11.343, de 23 de agosto de 2006.** Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido e outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm)>. Acesso em: 01 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei 12.852, de 05 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm)>. Acesso em: 11 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 01 jul. 2018.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem.** Tradução de Maria Ferreira; revisão técnica de tradução de Tânia Ramos Fortuna. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

CÂMARA, Martial de Magalhães; TAMBELLINI, Anamaria Testa; ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Trabalho, abuso de drogas e os aparelhos ideológicos de estado: um estudo com

alunos do ensino médio e fundamental. **Physis** [online], vol. 20, n. 1, pp. 219-234, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312010000100012>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CANGUILHEM, Georges. **Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida**. Tradução Emilia Piedade. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_. **O Normal e o Patológico**. Trad. Maria Thereza Barrocas e Luiz Octávio Leite. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARLINI, E.A et al. **VI Levantamento sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010**. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID: Universidade Federal de São Paulo. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD, 2010. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/328890.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2015.

CARLINI-COTRIM, B.; PINSKY, I. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. **Cadernos de Pesquisa**, n. 69, pp. 48-52, 1989. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuário/Downloads/DialnetPrevencaoAoAbusoDeDrogasNaEscola-6208665%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuário/Downloads/DialnetPrevencaoAoAbusoDeDrogasNaEscola-6208665%20(1).pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2018.

CASTANEDA, Carlos. **Passes Mágicos: A sabedoria prática dos xamãs do antigo México**. Tradução de Beatriz Penna. Rio de Janeiro: Record/ Nova Era, 1998.

CHAGAS, Julia Chamusca et al. Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, e227179, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017227179>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª edição. 3ª reimpressão. Trad. Fabina Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Drogas: prevenção, escola**. São Paulo: Paulinas, 1988.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. Tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

CRUZ, Amadeu Roselli. A análise do discurso da prevenção de abuso de drogas. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2002.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. 2ª edição. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1971 [1962].

\_\_\_\_\_. **O nome da rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. UERJ, vol. 2, n. 2, abril/junho, 2005. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)>. Acesso em: 05 set. 2015.

ELICKER, Eliane et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online], vol. 24, n.3, pp. 399-410, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742015000300006>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

ÉSQUILO, SÓFOCLES, EURÍPIDES E ARISTÓFANES. **Teatro Grego**. 3ª ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix LTDA.

FOUCAULT, MICHEL. **A arqueologia do saber**. 6ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49ª edição – Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2010 [1968].

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1996].

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standar Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XVIII.

\_\_\_\_\_. **A Interpretação dos Sonhos**. Edição Standar Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987 [1900].

GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saúde e Sociedade** [online], vol. 21, n. 3, pp. 612-622, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. Estudos/dirigidos por J. Guinsburg. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. 2012. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense\\_2012.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.

ISAACSON, Walter. **Steve Jobs: a biografia**. Tradução Berilo Vargas, Denise Bottmann, Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. 2ª ed. Tradução de Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 20: Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise**. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LEPRE, Rita Melissa & MARTINS, Raul Aragão. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Paidéia** [online], Ribeirão Preto, vol. 19, n. 42, pp. 39-45, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100006>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MALHEIROS, Irene de Jesus Andrade; ALVES, Silvio. Uma Proposta Pedagógica sobre Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. III CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS – CIAVE, 6 a 9 de outubro, 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PUCPR, 2008. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/923\\_956.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/923_956.pdf)> Acesso em: 03 set. 2015.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online], vol. 14, suppl. 1, pp. 166-177, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500017>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

MATOS, Analy Marquardt de et al. Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**

[online], vol. 13, n. 2, pp. 302-313, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2010000200012>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

METZNER, Ralph. Hallucinogenic Drugs and Plants in Psycnoterapy and Shamanism. **Journal of Psychoactive Drugs**, vol. 30 (4), out.-dez. 1998.

MONTEIRO, Simone Souza et al. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 24, n. 83, p. 659-678, agosto 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a18v2483.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

MOREIRA, André; VOVIO, Claudia Lemos; MICHELI, Denise De. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educação e Pesquisa** [online], vol. 41, n.1, pp. 119-135, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022015011670>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

MÜLLER, Ana Cláudia; PAUL, Cátia Lucila; SANTOS, Nair Iracema Silveira dos. Prevenção às drogas nas escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção em saúde. **Estudos de Psicologia**. Campinas, vol. 25, n. 4, pp. 607-616, out.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a15v25n4.pdf>>. Acesso em: 01 fev 2019.

NOTO, Ana Regina & GALDUROZ, José Carlos F. O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], vol. 4, n. 1, pp. 145-151, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231999000100012>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

NOWLIS, H. **A Verdade sobre as Drogas**. Rio de Janeiro: Ibesc, Uerj, 1975.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PAVANI, Rafael Augusto Borges; SILVA, Elissandro de Freitas; MORAES, Maria Silvia de. Avaliação da informação sobre drogas e sua relação com o consumo de substâncias entre escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. [online]. 2009, vol. 12, n. 2, pp. 204-216. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2009000200010>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: Três Épocas. 1983. In: GADET, F. e HAK, T. (Org.) **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates; O banquete/Platão**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Revista Travessias**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 25, n. 2, maio/agosto, 2010.

ZAFIROPOULOS, Markus. **Le Toxicomane N'Existe Pas**. Paris: Navarin, 1988.

## ANEXOS

### I. Quadro – Identificação dos artigos

Autores/Título/Revista/Ano	Objetivos	Conclusões
<p>CHAGAS, Julia Chamusca et al. Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. <b>Revista Brasileira de Educação</b>, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, e227179, 2017.</p>	<p>Levantar concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental que participaram da quinta edição do curso de prevenção ao uso de drogas para educadores de escolas públicas sobre os conteúdos abordados e sua prática cotidiana.</p>	<p>A análise das categorias construídas permitiu refletir sobre a prática educativa cotidiana e a necessidade da escuta dos discursos das crianças sobre as drogas. As professoras puderam perceber que há abertura para abordar essas questões e demandaram formação teórico-prática como instrumento que auxilie o trabalho pedagógico.</p>
<p>ELICKER, Eliane et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. <b>Epidemiologia e Serviços de Saúde</b>, vol. 24, n.3, pp. 399-410, 2015.</p>	<p>Estudar a prevalência e fatores associados ao uso de tabaco, álcool e outras drogas.</p>	<p>Evidencia-se a necessidade de envolver a escola e a família em ações direcionadas à prevenção do uso dessas substâncias entre adolescentes.</p>
<p>MOREIRA, André; VOVIO, Claudia Lemos; MICHELI, Denise De. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. <b>Educação e Pesquisa</b>, vol. 41, n.1, pp. 119-135, 2015.</p>	<p>Apontar: quais fatores influenciam negativamente o desenvolvimento de ações por parte dos educadores para a prevenção ao consumo de drogas no ambiente escolar; o que esses participantes consideram pertinente ao seu papel em relação ao tema; e mudanças significativas ocorridas na percepção de educadores advindas dessa vivência da pesquisa-ação.</p>	<p>Os dados da pesquisa demonstraram que, mais do que informação, os educadores desejam preparo em “saber como agir”. Acreditamos que esse saber não pode ser ensinado, mas antes só pode ser construído e, nesse processo, o encontro respeitoso entre saúde e educação pode resultar em ganhos significativos para a formação de profissionais de ambas as áreas.</p>

<p>GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. <b>Saúde e Sociedade</b>, vol. 21, n. 3, pp. 612-622, 2012.</p>	<p>Investigar o uso de álcool e outras drogas e as vulnerabilidades relacionadas a estudantes de nove escolas públicas participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas Escolas no município de Florianópolis.</p>	<p>Os estudantes que utilizam álcool e outras drogas mataram mais aulas, participaram mais de brigas, são sexualmente mais ativos e declararam que se arriscaram mais frente ao HIV/Aids. Observou-se a importância da família tanto como fator de influência nos comportamentos do uso de álcool e outras drogas, como de proteção frente a este uso.</p>
<p>ARALDI, Jossara Cattoni; NJAINE, Kathie; OLIVEIRA, Maria Conceição de; GHIZONI, Angela Carla. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. <b>Interface</b>, Botucatu, vol. 16, n. 40, pp. 135-148, 2012.</p>	<p>Este estudo qualitativo buscou refletir de que modo as representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas repercutem nas ações de prevenção na escola.</p>	<p>Os resultados da pesquisa apontaram que as representações sociais dos educadores é caracterizada por uma visão estigmatizante da adolescência e do uso de álcool e outras drogas nessa faixa etária. Esse fato dificulta o diálogo aberto sobre essa questão com os adolescentes e uma atuação de prevenção nas escolas.</p>
<p>MALTA, Deborah Carvalho et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. <b>Revista Brasileira de Epidemiologia</b>, vol. 14, suppl. 1, pp. 166-177, 2011.</p>	<p>Avaliar a associação entre o consumo de tabaco, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas e os fatores de proteção familiar.</p>	<p>Os alunos que faltam às aulas sem avisar aos pais têm maior chance de fumar, beber e experimentar drogas. O papel da família é essencial na prevenção de riscos, tais como: tabaco, álcool e drogas e na promoção à saúde dos adolescentes.</p>
<p>CÂMARA, Martial de Magalhães; TAMBELLINI, Anamaria Testa; ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Trabalho, abuso de drogas e os aparelhos ideológicos de estado: um estudo com alunos do ensino</p>	<p>Refletir sobre pesquisa realizada com 68.210 estudantes que responderam a questionário usado nas primeiras fases de programa de prevenção à dependência.</p>	<p>Encontrou-se alguma concordância com o trabalho de Althusser, no que se refere aos aparelhos ideológicos de Estado. A Igreja e a família tiveram uma importância muito</p>

<p>médio e fundamental. <b>Physis</b>, vol. 20, n. 1, pp. 219-234, 2010.</p>		<p>grande para a busca de apoio ou esclarecimentos por parte desses jovens.</p>
<p>MATOS, Analy Marquardt de et al. Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. <b>Revista Brasileira de Epidemiologia</b>, vol. 13, n. 2, pp. 302-313, 2010.</p>	<p>Analisar fatores associados ao consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares em Feira de Santana, BA.</p>	<p>O conhecimento dos fatores pessoais, interpessoais, familiares e ambientais associados ao consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes devem ser considerados na implementação de programas escolares e políticas públicas de prevenção, visando comportamentos que minimizem a exposição ao risco associado.</p>
<p>PAVANI, Rafael Augusto Borges; SILVA, Elissandro de Freitas; MORAES, Maria Silvia de. Avaliação da informação sobre drogas e sua relação com o consumo de substâncias entre escolares. <b>Revista Brasileira de Epidemiologia</b>, vol. 12, n. 2, pp. 204-216, 2009</p>	<p>Conhecer a percepção dos adolescentes sobre os programas de prevenção ao uso de drogas, e com quem eles aprendem e conversam sobre as drogas. Relacionar o consumo de drogas com essas informações.</p>	<p>Os adolescentes consideram os pais e professores suas fontes de conhecimento sobre drogas, porém preferem conversar a respeito com os pais e amigos. A escola é um local oportuno para abordar o assunto, utilizando para isso estratégias que permitam a reflexão.</p>
<p>LEPRE, Rita Melissa &amp; MARTINS, Raul Aragão. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. <b>Paidéia</b>, Ribeirão Preto, vol. 19, n. 42, pp. 39-45, 2009.</p>	<p>Contribuir para o debate na busca de uma intervenção efetiva que possa ser utilizada, sobretudo nas escolas, procurando detectar a possível relação entre uso abusivo de álcool e raciocínio moral.</p>	<p>Concluiu-se que a prevenção pode ser pensada por meio da Educação Moral como uma proposta de intervenção efetiva contra o uso abusivo de álcool e outras drogas.</p>

## II. Escritos dos Alunos

DISTOQSS

data 20/09/18. Percurso é drogas

Por que os jovens têm o interesse de usar as drogas por que talvez seja melhor entre os jovens e por que quis saber a experiência, e também tem muitos jovens iniciados por isso também tem tudo a ver com o tema inserido no quadro.

23/9/2018

28/09/18

DSTQOXIS

## Yansins e os choques

Muitos dos jovens de hoje usam drogas, drogas  
fazem muito mal para a saúde as pessoas que  
usam acabam se afastando da sua família.

Muitos jovens não conseguem sair dessa vida, mas  
com a ajuda da família a maioria não  
consegue sair. Muitos que usam acabam fazendo  
muito mal a saúde como por exemplo:

- Muta: Muita pessoa para conseguir mais drogas.
- Roubar: Roubar produtos para comprar drogas.
- Fugir: Fugir de casa por que seus familiares usam  
e querem mais não mais que ajudar.

28.9.18

DISTOQSS

Muitas pessoas na juventude tem a experiencia de utilizar a droga. muitas pessoas que são usuarios se viciam, maioria das vezes são por causa da depressão, falam que ajuda a estimular a felicidade e com pouco tempo passam a ser dependente, fica viciado, poucos consegue completar o tratamento.

~~Com o tempo o vício se torna~~  
~~irreversível~~

28/9/2013

28/09/18

As drogas na Juventude é muito ruim por que, o jovem experimenta pela primeira vez, e gosta, como acontece com a maioria, só que, depois vem a dependência deste droga, este jovem começa a pedir dinheiro para comprar, vende seus bens, desrespeita seus pais por não dar dinheiro, e no final acaba sozinho e na rua, como acontece com todos os jovens. E quando seus "amigos" oferecem eles até diz:

- É bom cara, use, você vai gostar!

Porém ele não diz:

- Você vai acabar sem família, sem amigos, e sozinho na rua.



MINHA OPINIÃO SOBRE ESSE ASSUNTO, É QUE NINGUÉM DEVE USAR,  
POIS ESTRAGA A VIDA. MUITOS SOVENS HOJE EM DIA, SE PERDEM NA VIDA POR  
CAUSA DAS DROGAS.

MEU PAI É EX USUÁRIO DE DROGA, EU QUANDO CRIANÇA, QUASE NUNCA  
VIA O MEU PAI, POIS SEMPRE ESTAVA EM ALGUMA BOCA DE FUMO, MEU  
PAI FOI UM POUCO AUSENTE NA MINHA VIDA, MAS GRAÇAS À DEUS, HOJE  
ELE É LIVRE DISSO.



28/10/2010

Eu acho que as drogas é muito ruim para as pessoas, principalmente <sup>para</sup> as crianças.

As pessoas menos de idade sempre quer provar para ver se é bom, para se achar o prazer de ~~se~~ acalhar com os problemas de Fernando



28/9/2018

7

## Perens e os Desqos

Nos dias de hoje infelizmente está se tornando comum o uso de drogas entre os jovens, em particularmente Muroca. Um mais temerários amigos e um irmão que já usaram em idade muito triste quando um jovem praticamente estraga a vida perde a chance de felicidade e eu espero que um dia essa situação melhore.

/ /

D S T Q Q S S

28/09/18 Tema: Jogos e os Deuses.

Hoje eu acho que os jogos estão indo para depois para se desenvolver. Minha opinião é que os jogos não precisam ficar sendo deuses para se desenvolver. Porque a deuses traz muitos problemas no campo humano e misto no psicológico. por isso eu acho que os jogos não precisam usar deuses



Data: 28/09/2018

### Jovens e as drogas

As drogas, já diz se uma droga, mas faz bem, as drogas medicamentosas da bem, mas a droga destrói a vida dos jovens, além de levar as portas de drogas para quem tem idade eles, e as drogas levam a dependência, leva a saúde por acabar destruído e leva a morte pois drogas traz doenças como o câncer, jovens sem a capacidade para justiça, ou família.



28/09/18

Muitos soucos loose em dia estão se perdendo nos drogas, pois não sabem o mal que fazem a si mesmo. Na maioria das vezes as mães não sabem que certos (das drogas) achto que deveriam chegar e conversar e falar o quanto isso faz mal para a sua saúde. Quanto mais você vê, mais você quer mais, em casa, quando você ver sa esta perdoado.



28.09.18

## Foruns e as drogas

Na minha opinião os foruns que usam drogas estão acabando com a própria vida deles, pois na maioria das vezes eles não conseguem estudar, não conseguem arranjar um trabalho digno e não têm uma vida social com a própria família.

28/09/2018  
DSTQQS

de modo mais adequado durante a  
jurisprudência, pode fazer muito mal, pode  
deixar a mente e muitas coisas. de modo  
é feito de escolher e escolher as coisas a  
apresentar, porém não é a melhor escolha.

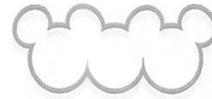
28/09/2018

~~Justiça e as drogas~~

Justiça e as Drogas

Na minha opinião as drogas tem os dois lados da moeda, por um lado da moeda é bom e por outro lado é ruim, as drogas dão muita dinheiro seria uma grande fonte se distribuíam para a economia do Brasil seria ser boa, mas tem drogas que não fazem mal, mas tem drogas que fazem muito mal e hoje em dia é comum usar drogas, para se divertir como a Raloxiada e tal, mas se nunca gostei minha criação não de um milibar e como Catarão, se fosse plantando por fazer mal, mas foi com ser plantado pois eu seria um Uagascuncho hoje em dia é fê.





28/03/18

### Jovens e dragões

Os dragões os jovens de hoje acham que tudo se resolve assim, as vezes usam por influencia de um amigo, ou as vezes por falta de opção, mas eles não sabem o mal que estão fazendo para si mesmos então parem de estragar o futuro de vocês

Blank lined writing area with 15 horizontal lines.



28/09/2018  
DSTQ0015

### Ternante e Alcool

Hoje em dia já muito comemos quem nem bebem  
no mundo das drogas, devido a um pequeno  
caso de um amigo, que de certa forma  
entendeu o que veio, e também uma  
que falar, para um jovem com mais  
conhecimento, pois ele é um aluno que  
o pessoal fica perto o que vem, muitas  
das vezes ele só quer um segundo chance.

28/09/18

D S T Q Q S S

Tema: Juventude e drogas

Mín. 5 linhas, máx 10.

Hoje em dia as jovens passam por muitos problemas e isso acaba afetando o seu psicológico, por conta disso muitas recorrem ao uso de drogas. Muitas são influenciadas por outras, pois elas batem como se isso fosse a melhor saída e que não vai te fazer nenhum mal. Muitas começam com o cigarro e isso vai te acostumando para outras drogas. Eu, particularmente acho que os pais tenham que dar mais atenção aos seus filhos e trabalhar mais isso com eles. A grande maioria das jovens que usam drogas tem muitos problemas.

28/09/18

Jovens e as Drogas

Na minha opinião, a maioria dos jovens são usuários de drogas ou pelo menos já experimentaram, e isso deveria mudar. Acho que deveriam ter mais prevenções às drogas, no Brasil, as drogas fazem parte da vida de cada um, se não usa, tem um amigo usuário ou um parente. Isso é inacreditável



### Sabem de as drogas

Sabem nas ruas usando e traficando drogas, enquanto suas famílias choram em casa. Tudo entra em colapso com o vício às drogas; mesmo uma família "perfeita", pode acabar por isso. As pessoas, e principalmente os jovens, entregam sua vida e a vida das pessoas que o amam.

As drogas acabam com a saúde mental e emocional, além de quitarem muitas coisas da pessoa que a usa e também as pessoas que estão perto dela.

~ Não use drogas, isso destruiu a minha família, pode destruir a sua também!



28/09/18

## Tema, Jovens e as Redes

Os jovens hoje em dia estão cada vez mais perdidos, e mais influenciados por outras jovens, até mesmo "amigos", às vezes a pessoa nem gosta, mas tenta para provar que não tem medo, e acaba gostando e ficando dependente das redes.

28/09/2018

## Tarrens e os dragões

Os jovens de hoje, estão a cada vez mais perdidos, e sendo muito influenciados por outros, sendo influenciados pelas próprias amigas, ou mesmo dragões, as vezes quando um amigo influencia o outro e o outro não aceita, ele é julgado como se fosse maluco, e etc, fazendo com que a pessoa acabe lutando a dragão, e por fim se viciando e tirando a vida.

28/09/2019

## Juventude drogas na vida

Na juventude as drogas são mais usadas; muitas vezes há em dia há influência por amigos e acaba usando.

No primeiro vez que usa e de graça ai vai pra segunda que também e de graça ai vai ficar viciado! e ai tem pessoas que mata um ou outro pra conseguir o que quer, tem muitas que robam, e as drogas que tiram os olhos e do resto acaba lucrando e ficando. Então diga não as drogas!

28 / 09 / 18

D S T Q Q S S

Eu acho que muitos jovens que usam drogas usam para tentar esquecer os problemas em casa, na vida amorosa. Muitos usam só por diversão, outros por influência de amigos. É a maioria depois que usa uma vez, não para mais, fica um vício. Muitos morrem, outros ainda conseguem se tratar, sair dessa vida.

28/09/2018  
DSTQSSS

## Juventude e drogas

Na juventude o uso de drogas é muito recente, muitos dos adolescentes são ligados em drogas, muitas das vezes as filhas vendem coisas dentro de casa para comprar drogas, também causa muita discussão dentro de casa.

28/09/18

DSTQSS

as drogas fazem mal a saúde, eu  
nunca usli droga e pretendo nunca  
usar por alem de fazer mal. Na maioria das  
casas as pessoas vivem e perde todo seu dinheiro  
e viram pobres ou bandidos. # não quero isso pra mim